



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

**Monique Navarro Souza**

**“COSMOPERCEPÇÃO ALGORÍTMICA: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA AGÊNCIA COLETIVA E DESCOLONIAL”**

**Porto Alegre  
2022**

MONIQUE NAVARRO SOUZA

**“COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA AGÊNCIA COLETIVA E DESCOLONIAL”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Linha de pesquisa 3: Redes Sócio-Técnicas, Cognição e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Monique Navarro

Cosmopercepção algorítmica: reflexões para a construção de uma agência coletiva e descolonial / Monique Navarro Souza. -- 2022.

80 f.

Orientador: Luis Artur Costa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Cosmopercepção. 2. Imaginários sociotécnicos. 3. Modulações algorítmicas. 4. Tecnoresistências. 5. Ética afetiva. I. Costa, Luis Artur, orient. II. Título.

MONIQUE NAVARRO SOUZA

**“COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA AGÊNCIA COLETIVA E DESCOLONIAL”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Aprovado em Porto Alegre, \_\_\_\_\_ 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luis Artur Costa  
Orientador

---

Profa. Dra. Dolores Cristina Gomes Galindo (UFMT)  
Membro da Banca

---

Prof. Dr. Rodrigo Petronio (FAAP)  
Membro da Banca

---

Profa. Dra. Vanessa Soares Maurenente (UFRGS)  
Membro da Banca

## RESUMO

Os sistemas algorítmicos modulam as subjetividades no contemporâneo, através do uso de diferentes instrumentos e técnicas. Por sua vez, essas reificam a noção de um humano colonial e reiteram uma lógica antropocêntrica. Como podemos produzir resistências nos (e com) os espaços digitais? Faz-se fundamental a experimentação da descolonização das epistemologias, dos saberes psis, dos imaginários sociotécnicos e de ações coletivas. Assim sendo, a presente pesquisa tem como o objetivo apostar na (re)apropriação da técnica e da imaginação, através de deslocamentos xenocosmoperceptivos, para apreender as dinâmicas micromateriais envolvidas nas modulações algorítmicas, a fim de ficcionarmos coletivamente uma Cosmopercepção Algorítmica. Desse modo, a construção de agências auxilia na proposta de não (re)produzir hierarquias opressoras, ao afirmar uma ética afetiva e do cuidado no digital. Acredita-se que com tais contribuições, possam emergir novas possibilidades de mundos, em um contexto tecno(necro)biopolítico.

Palavra-chave: Cosmopercepção. Imaginários sociotécnicos. Modulações algorítmicas. Tecnoresistencias. Ética afetiva.

## **ABSTRACT**

Algorithmic systems modulate subjectivities in the contemporary world, through the use of different instruments and techniques. In turn, these reify the notion of a colonial human and reiterate an anthropocentric logic. How can we produce resistance in (and with) digital spaces? It is essential to experiment with the decolonization of epistemologies, psi knowledge, sociotechnical imaginaries and collective actions. Therefore, the present research aims to bet on the (re)appropriation of technique and imagination, through xenocosmoperceptive displacements, to apprehend the micromaterial dynamics involved in algorithmic modulations, in order to collectively fictionalize an Algorithmic Cosmoperception. In this way, the construction of agencies helps in the proposal of not (re)producing oppressive hierarchies, by affirming an affective ethic and care in the digital. It is believed that with such contributions, new possibilities of worlds can emerge, in a techno(necro)biopolitical context.

Keyword: Cosmoperception. Sociotechnical imaginaries. Algorithmic modulations. Technoresistances. Affective ethics.

## RESUMEN

Los sistemas algorítmicos modulan subjetividades en el mundo contemporáneo, mediante el uso de diferentes instrumentos y técnicas. Estos, a su vez, cosifican la noción de un humano colonial y reiteran una lógica antropocéntrica. ¿Cómo podemos producir resistencia en (y con) espacios digitales? Es fundamental experimentar con la descolonización de epistemologías, saberes psi, imaginarios sociotécnicos y acciones colectivas. Por lo tanto, la presente investigación tiene como objetivo apostar por la (re)apropiación de la técnica y la imaginación, a través de desplazamientos xenocosmoperceptivos, para aprehender las dinámicas micromateriales involucradas en las modulaciones algorítmicas, con el fin de ficcionar colectivamente una Cosmopercepción Algorítmica. De esta forma, la construcción de agencias ayuda en la propuesta de no (re)producir jerarquías opresivas, al afirmar una ética afectiva y de cuidado en lo digital. Se cree que con tales aportes pueden surgir nuevas posibilidades de mundos, en un contexto tecno(necro)biopolítico.

Palabras clave: Cosmopercepción. Imaginarios sociotécnicos. Modulaciones algorítmicas. Tecnoresistencias. Ética afectiva.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - The Passion of Oncomouse (1994).....	31
Figura 2 - Vetores.....	67
Figura 3 - Deslocamentos xenocosmoperceptivos.....	70
Figura 4 - Cosmopercepção algorítmica .....	71
Figura 5 - Bioma afetivo .....	73



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO À COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA: REFLEXÕES PARA UMA AGÊNCIA DESCOLONIAL.....</b>	<b>9</b>
<b>2 MOVIMENTO 1: CONTEXTO, PROBLEMATIZAÇÕES E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>16</b>
2.1 PELO FIM DO MODO COMO CONHECEMOS: UM CHAMADO PARA NOVAS PRODUÇÕES .....	16
2.2 ANTROPOCENO, CIBORGUE, SIMPOIESIS: (DES)INTEGRAÇÕES .....	26
2.3 NOTAS SOBRE O(s) CAPITALISMO(s) .....	37
2.4 COLONIALIDADE DOS DADOS, PLATAFORMAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO .....	40
2.5 NÃO HÁ ALTERNATIVAS?.....	51
2.6 UM HORIZONTE (XENO)FEMINISTA? .....	52
2.7 QUESTÕES EMERGENTES .....	54
<b>3 MOVIMENTO 2: PROPOSIÇÕES QUE EMERGEM .....</b>	<b>56</b>
3.1 DESLOCAR O REAL.....	56
3.2 A XENO.....	60
3.3 A COSMOPERCEÇÃO .....	63
3.4 RITMOS DE UM POSSÍVEL VETOR .....	65
3.5 MEME e O HIPER MEME: ACELERADORES ABERRANTES.....	67
<b>3.5.1 O Meme .....</b>	<b>67</b>
<b>3.5.2 O Hiper meme .....</b>	<b>68</b>
3.6 DESLOCAMENTOS XENOCOSMOPERCEPTIVOS, TEMPO ESPIRALAR, COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA E BIOMAS AFETIVOS: ELEMENTOS DE UMA ATMOSFERA COMPARTILHADA: .....	69
3.7 COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA: POR UMA AGÊNCIA ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA.....	73
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>

## **1 INTRODUÇÃO À COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA: REFLEXÕES PARA UMA AGÊNCIA DESCOLONIAL**

Os sistemas algorítmicos modulam as subjetividades no contemporâneo, através do uso de diferentes instrumentos e técnicas. Por sua vez, essas reificam a noção de um humano colonial e reiteram uma lógica antropocêntrica. Como podemos produzir resistências nos (e com) os espaços digitais? Faz-se fundamental a experimentação da descolonização das epistemologias, dos saberes psis, dos imaginários sociotécnicos e de ações coletivas.

Assim sendo, a presente pesquisa tem como o objetivo apostar na (re)apropriação da técnica e da imaginação, através de deslocamentos xenocosmoperceptivos, para apreender as dinâmicas micromateriais envolvidas nas modulações algorítmicas, a fim de ficcionarmos coletivamente uma Cosmopercepção Algorítmica no digital. Tais agências nos auxiliam na proposta de não (re)produzir hierarquias opressoras, ao afirmar uma ética afetiva e do cuidado. Acredita-se que com tais contribuições, possam emergir novas possibilidades de mundos, em um contexto tecno(necro)biopolítico.

Para isso, na primeira parte da pesquisa, buscou-se tensionar as implicações onto-epistemológicas na produção da realidade social, com o objetivo de mobilizar outros modos de compreensão, assim como apontar em direções que possibilitem provocar ações coletivas na construção da mesma. Através de reflexões a partir de leituras alinhadas ética e politicamente em relação às diferenças (SILVA, 2019), desde óticas que pensem para além do tempo linear e dos projetos de mundos instituídos pela modernidade/colonialidade (QUIJANO, 1991).

Esse primeiro movimento conceitual acontece pois acredita-se que a alterações cosmoperceptivas (OYEWÙMI, 2017) que na pesquisa é denominado de deslocamentos xenocosmoperceptivos, e os questionamentos acerca dos modos de apreender a complexidade da realidade, nos auxiliam a pensar tanto em uma ética hacker (WARK, 2006) em relação a normatividades e as produções de mundos e de agências no contexto digital, quanto em uma ética do cuidado. Como uma responsabilidade implicada com a produção de perspectivas anticoloniais, antiracistas e perenes à múltiplas conexões. Ao pensar as relações com as forças que possuem agência no real, percebidas como estranhas e/ou “dispensáveis” aos

“humanos”, busca-se, com as redes de autoras e autores, produzir movimentos imaginativos e deslocamentos xenocosmoperceptivos para novos sentidos.

Tensionar as lógicas e a vigência de certas operações é um primeiro movimento, pois estamos implicadas na propagação de racionalidades perversas e que cancelam certos futuros, como o racismo, o neoliberalismo, machismo, heterocisnormatividades, dentre outras. Logo, o exercício de pressionarmos as limitações do pensamento hegemônico e sua efetividade, se apresenta como uma produção de aberturas para outras ações. A partir da tentativa de pensar outros manejos com a diferença, esse exercício se direciona para ações no ciberespaço<sup>1</sup>, em aliança com perspectivas que pensam os constantes arranjos das tecnologias, das plataformas digitais e dos processos de subjetivação emergentes nessas redes de relações.

Questionar, portanto, a realidade produzida pela herança colonial sobre nossos corpos e sobre as redes constituintes de existências, é um modo de não compactuar com certa operacionalidade de um modelo de pensar que em seu auge se expressa através do abismo negacionista sobre a pluralidade de realidades, modos de opressões de Estados e discursos insustentáveis sobre mercado e natureza<sup>2</sup>. Nesse sentido, descolonizar o pensamento é uma ação imprescindível e potente diante de conjunturas genocidas que repercutem no Brasil, assim como em outros tipos de territórios do planeta, cada um em sua especificidade.

Denise Ferreira da Silva (2019) aponta que o pensamento moderno se autodetermina como um modelo hegemônico e universalista sobre a realidade, e se condensa a partir de procedimentos críticos filosóficos de certas bases eurocêntricas epistemológicas, sob as quais seu próprio contexto nunca foi colocado como problema, mas que de modo inverso, o problema/perigo é introjetado na diferença; o

---

<sup>1</sup> Espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de computadores, virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos.

<sup>2</sup> A base da lógica capitalista navega no vórtice de dicotomias que se reverberam sobre o real. Talvez, a mais profunda seja a “humano vs natureza”. Nesta bifurcação, a concepção de humano está alicerçada em um modelo de Homem europeu enquanto ideal de humano, que se autodetermina e se auto realiza, e Natureza como “objetos” que estariam dispostos e submissos à transformações conforme os desejos e necessidades desse Homem. Evidencia se aí dois grandes equívocos iniciais: a) a concepção de homem europeu, que se impõe enquanto hierarquia absoluta diante dos demais povos habitantes do planeta, que por sua vez se reverbera em categorias e separações diversas, assim como noções de espécies sobre as demais vidas existentes; e além dessa imposição do homem enquanto centro do mundo, b) se compreende nessa perspectiva a natureza como algo disposto e inescotável para a satisfação do Homem. Tais questões atravessam a presente pesquisa.

diferente para a ótica colonial é entendido como separado, como ameaça e inferior, e que, portanto, é passível de opressões e extermínios.

Ao aproximarmos o pensamento de Donna Haraway, percebemos no conceito de ciborgue (HARAWAY, 2009a), que se refere ao hibridismo do humano com as tecnologias, e no conceito de simpoiesis (HARAWAY, 2019) que alega um tipo de relação dos sistemas históricos, complexos, dinâmicos, receptivos e situados; ferramentas potentes para configurar mundos de maneira conjunta, em companhia e que operem a partir da e na complexidade.

Assim como Denise Ferreira da Silva (2019) nos apresenta uma compreensão da diferença sem separabilidade, com a noção de emaranhado enquanto uma perspectiva de mundo em que a realidade é complexa e emaranhada em nível subatômico, onde as coisas possuem existência efetiva e virtual, Haraway (2019) nos diz que estamos em complexificadas relações conjuntas e assim nos constituímos semiótica e materialmente. As autoras auxiliam a pensar a proposta inicial da pesquisa, que é tensionar as bases éticas e onto-epistemológicas modernas que afirmam essa injusta separação. Esse movimento nos convida a ampliar nossas compreensões, cooperações e criações de outros modos de (tecno) sociabilidades<sup>3</sup>.

Abre-se, desse modo dimensões e percebemos que a vida e aquilo que consideramos como realidade, está para além do conservadorismo dualista e maniqueísta de certas categorias, como humanos x máquina, humano x natureza, homem x mulher, hierarquia interespecies, dentre outras reduções, baseadas em um tipo de “régua moderna” da justiça. Desse modo, conceber outros modos de existir, de produções de aberturas e ruídos a essa lógica, também se mostra enquanto uma ética do cuidado.

Nessa via de pensamento, adentramos ao campo das tecnologias digitais, e das plataformas, na busca de compreender suas linhas intensivas nos processos de subjetivação algorítmicos contemporâneos. E a reprodução de lógicas e modos de relações nessa dimensão, com o desafio de especular possibilidades de novas agências. Donna Haraway (2009a), a partir do conceito de ciborgue, nos oferece a

---

<sup>3</sup> Modos de viver em sociedade; condutas e posturas que se apresentam a partir do manejo com as relações que se estabelecem em uma comunidade. O tecno suspenso representa a imbricação e efeito que atua na produção social.

figuração do entrelaçamento híbrido da espécie humana com outros atores, como as tecnologias, a tecnociência, e o capitalismo integrado.

Para a autora, pensar o ciborgue é pensar o modo de experiências singulares e coletivas que instituímos desde o século passado. Essa figuração proposta, possibilita visualizar uma ontologia, pois ela é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material. Assim, analisar as relações dessa figuração é também fabricar vias de acesso para produzir outras alternativas, que pensem a complexidade de lutas e das pluralidades de mundos<sup>4</sup> atreladas nessa produção.

Para Haraway (2009a), a tecnologia não é neutra, assim como os estranhos acoplamentos existentes com outras forças. Nesse sentido, analisar forças desejantes que operam nas camadas digitais é uma tarefa desse trabalho, pois as tecnopolíticas<sup>5</sup> que atuam nas plataformas, a partir da racionalidade algorítmica e seus vieses, tendem a fortalecer desigualdades, interesses privados, valores neoliberais e assimetrias opressoras de diferenças.

Conforme Shoshana Zuboff (2019), é também através das dinâmicas das plataformas digitais que as máquinas agenciam e nos modulam a partir da apropriação de nossos dados para a produção de desejos diversos, alinhados a interesse de corporações que imperam nos meios digitais, e que ampliam a produção desejante de um futuro com os modos de sociabilidade e territorialidades desintegradas (FISHER, 2016). Tal movimento de captura, nos dias de hoje está subordinado às forças do capitalismo de vigilância<sup>6</sup>, junto de outras camadas de fluxos que vão se sobrepondo e sob as quais nos disponibilizam pouco conhecimento de suas ocultas artimanhas.

Posto isso, para produzir narrativas relativas aos espaços digitais, buscou-se outras abordagens de compreensão dessas relações. Optou-se pela radicalidade do pensamento de Denise Ferreira da Silva (2019), ao dizer que o modo como conhecemos esse mundo precisa acabar. O interesse nesse movimento é o de criar modos de narrar essas relações, que fertilizem nossos corpos e desloquem nossos mapas cognitivos normativos. Para viabilizar outros trajetos virtuais possíveis; ao

---

<sup>4</sup> GABRIEL, Markus. Sentido y existência: una ontología realista. Barcelona: Herder, 2017.

<sup>5</sup> “Práticas ligadas às especificidades dos usos do controle e vigilância contemporânea, no entanto, também pode se referir a resistências e experimentações com as redes sócio-técnicas.

<sup>6</sup> “Nova lógica de acumulação, profundamente intencional” (...) “capitalismo de informação que procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado.” (ZUBOFF, 2018).

partir de uma ética hacker que se dispõe como um comando de outras operações, as Xenofeministas<sup>7</sup>, através da apropriação da técnica, da compreensão feminista das tecnologias e da criação a partir do movimento de redesenhar as fronteiras das ferramentas, como protocolos de ações.

Nessa sequência, nos questionamos: como podemos criar sentidos em que, a partir de perspectivas que nos aproximem da produção anticolonial de códigos abertos e de alianças, possam reverberar agências que possam afirmar a diferença não colonial; e como pensar as plataformas digitais a partir de sentidos mais permeáveis para aqueles que para além de seus perfis de usuários de aplicativos, também estão a construir as mesmas, de modo ativo, implicado e responsável em sua criação. Ampliar as possibilidades de compreensões é também uma luta que se refere a produção de uma ética hacker e do cuidado.

No contexto brasileiro, muitas questões relacionadas à utilização de tecnologias de vigilância, como por exemplo, o reconhecimento facial<sup>8</sup> para segurança pública, a invisibilização de certos discursos nas plataformas digitais<sup>9</sup>, assim como a epistemologia que opera em conjunção com certas ferramentas nos ambientes digitais<sup>10</sup> se apresentam como medidas de segurança que expressam o racismo algorítmico<sup>11</sup>. Outro efeito dessa imanência são os algoritmos de predição de comportamentos, que através de nossos rastros digitais e reconhecimento das emoções, prometem entender como nos sentimos por meio de expressões faciais, e traços de personalidades oriundos de likes no Facebook<sup>12</sup> e comportamentos nas plataformas. Problemáticas como essas nos convocam a refletir em como manejar os conflitos sob nossos dados em permanente coletividade, com a devida proteção, e também uma produção desejante de sujeitos/agentes que resistam, de diferentes

---

<sup>7</sup> O movimento Xenofeminista emerge de um coletivo composto por mulheres denominado LaboriaCubonics (2014), que propõe um olhar atento para as tecnologias, que dentre de suas diversas possibilidades, atuam principalmente na perpetuação de assimetrias sociais.

<sup>8</sup> 90,5% dos presos pro reconhecimento facial no Brasil são negros. Rede de Observatórios da Segurança lançou dados sobre as prisões baseadas em reconhecimento facial, Bahia lidera o número de abordagens e prisões. (SILVA, 2019).

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> No texto, é abordado como ferramentas a psicométrica, dentre outras que aplicadas a partir de discursos de ciências psis, tendem a reforçar assimetrias sociais já postas em reduções e determinismos acerca do comportamento humano.

<sup>11</sup> Conjunto de diretrizes e procedimentos lógicos “perfeitamente” definidos que levam à solução de certos problemas a partir de um número finito de etapas.

<sup>12</sup> O Facebook emerge de situações com interesses misóginos e comparativos entre as alunas de uma universidade estadunidense. É uma plataforma é majoritariamente composta por homens brancos e cishetero normativos.

maneiras, aos processos de subjetivação neoliberais que intensificam o cancelamento de futuros.

Com a contribuição das pensadoras aqui citadas e outras e outros que irão compor a costura da pesquisa, acredita-se que para essa ação é necessário pensar a noção de humano a partir de uma abolição das bases eurocêntricas, em conjunto com as outras agências alienígenas e a partir de óticas complexas; isto é, tentativas de visualizar o humano nesse emaranhado enquanto um certo tipo húmus (HARAWAY, 2019), que possa vir a fertilizar novas conexões ao desenvolver outros processos cognitivos inventivos, que sejam capazes de possibilitar múltiplas decomposições, composições e recomposições.

Fazer alianças com outras espécies, com aquelas e aqueles que estão para além do enquadramento humano colonial, com as tecnologias, com aquilo que nos é estranho, ressignificar a realidade com outras cosmopercepções<sup>13</sup> emergem como estratégias de rupturas, disposições e enfrentamentos em tempos de *tecno(necro)biopoder*, *capitalismo de vigilância*, e cancelamento de futuros. Do mesmo modo, apropriar-se de discursos e de novos arranjos com as tecnologias enquanto potências políticas, de lutas e de produções/destruições permanentes de realidades

Nesse sentido, na segunda parte da pesquisa, buscou-se especular um esboço para uma possível agência em meio à trama necrobiopolítica no contemporâneo. Assim, emerge a cosmopercepção algorítmica, pela conjunção da xenos, e da cosmopercepção, produzida por deslocamentos xenocosmoperceptivos, proporciona a produção de um corpo alien, em constantes deslocamentos transitórios, para a produção de uma agência coletiva.

Essa agência é compreendida aqui como uma proposição, que procura retomar a produção da realidade, na proposta dessa ser construída e modulada também pela agência. Na pesquisa, é tratado do meme como um possível vetor para a produção de deslocamentos xenocosmoperceptivos. Assim como tantos vetores que atravessam e constituem o real, o hiper meme emerge como um portal pós

<sup>13</sup> Oyèronke Oyewùmí (2017, p. 39) ao debruçar-se sobre as discussões de gênero na sociedade Yorubá, coloca em discussão os sentidos e percepções do corpo no processo de compreensão do mundo, questionando, portanto, o conceito de “cosmovisão” do Ocidente que privilegia o a dimensão da visão, e apresenta o conceito cosmopercepção ou cosmosensação marcando as culturas que privilegiam outros sentidos ou uma combinação deles. Assim, cosmopercepção ou cosmosensação constitui-se como uma alternativa com maior abertura para descrever a concepção de mundo por parte de diferentes grupos culturais.

humano, de produção de afetos aberrantes e disruptivos, que facilita a produção do corpo alien.

No espaço digital circulam afetos que constroem redes. Espaços que operam a partir de outros modos de relações, de acolhimento, trocas, coletividade, e movimentos reflexivos como códigos de existência. Lugares que operam através de uma ética do cuidado, atuam como referências para a produção de agências cosmoperceptivas. Dessa forma, ficcionar (HARAWAY, 2019) uma agência é afirmar uma ética do cuidado e de produção de outras modulações afetivas no digital.

Não como produção de verdades fixas, mas em termos de uma agência coletiva, para a produção de futuros movimentos em termos de apropriação e construção de territórios existenciais com e nas plataformas. Afirmer uma ética do cuidado no digital e relações atreladas a uma ontologia ciborgue, nos posiciona diante de uma construção coletiva, ética, política e estética no digital.



## 2 MOVIMENTO 1: CONTEXTO, PROBLEMATIZAÇÕES E POSSIBILIDADES

### 2.1 PELO FIM DO MODO COMO CONHECEMOS: UM CHAMADO PARA NOVAS PRODUÇÕES

*“Um programa ético político que não reproduza essa violência exige pensarmos a socialização fora do pensamento moderno.” (SILVA, 2019)*

Para as ciências modernas, diversas companhias são percebidas como objetos dispostos e submissos para um determinado fim científico. E para a permanência das configurações hierárquicas e opressoras do real, a modernidade<sup>14</sup> classifica e determina significados diversos para a manutenção dessa configuração vertical. Denise Ferreira da Silva, em seu livro intitulado “A Dívida Impagável” (2019) diz que para esse pensamento se instituir enquanto hegemonia, ocorreram escravizações, apropriações, exterminação e a colonização de diversos povos e territórios. E essa dominação se mantém até os dias de hoje, porque ela impera também em nosso modo de conceber a realidade, as experiências, os eventos e as diferenças (SILVA, 2019).

A autora ocupa se há pelo menos trinta anos, com a questão do que ela denomina de *dialética racial*<sup>15</sup>. Termo que se refere a lógica perversa que oclui a maneira como, desde o século XIX, a racialidade opera como “[...] um arsenal ético em conjunto das arquiteturas jurídico-econômicas que constituem o Estado e o Capital.” (SILVA, 2019, p. 33). Silva (2019) nos diz que além da lógica de exclusão, há também uma lógica de obliteração que permeia as próprias ferramentas do conhecimento racial, e aponta que isso acontece porque sem esse movimento, o sujeito autodeterminado, moderno e portador de razão, não se sustentaria.

Em seu livro, Silva (2019) oferece a recomposição desse movimento pelo qual o homem moderno se institui enquanto o sujeito universal, através da manobra de expor, de certa forma, o quanto a justiça é falha diante de corpos e territórios

<sup>14</sup> No decorrer do texto, ao me referir a modernidade, estou junto de Quijano (1992) ao dizer que o par modernidade/colonialidade operam juntos e são codependentes desde sua emergência.

<sup>15</sup> Esse termo é desenvolvido por Denise Ferreira da Silva, e se refere a estrutura moderna, excessivamente violenta com os corpos nativos/negros, que se reverbera no aspecto econômico, jurídico e social, a fim de sustentar o sujeito moderno. Denise defende que é preciso expor essa dialética para evidenciar a sua não sustentação ética, com o propósito de acabar com ela, visando a restauração do valor total expropriado das terras do nativo e do corpo dos escravizados.

negros/nativos, os quais essa (in)justiça concebe como excessivamente violentos. A partir desse ponto, a obra prossegue com uma exploração das possibilidades abrigadas por esta construção.

No trabalho de Denise Ferreira da Silva (2019), o que é de interesse apresentar nesse ponto, é como a constituição desse sujeito se produz também na operação do pensamento, ou seja, no modo de conceber “a coisa”, o mundo, a diferença, e a si mesmo. Dizendo de outro modo, a autora é cirúrgica no ponto que é valioso a esse trabalho, que é desmembrar o modo como conhecemos o mundo, com o objetivo de afirmar que esse modelo precisa acabar. Portanto, nesse movimento, o seu alvo é diretamente as bases onto epistemológicas que sustentam essa visão de mundo, ou seja, a gramática racial, pois segundo a autora, é esta que organiza e orienta o espaço global.

Desse modo, para libertarmos a capacidade criativa radical da imaginação (SILVA, 2019 p. 37) a tarefa é mudarmos o modo como abordamos matéria e forma. E para isso, a autora inicia com os primeiros pensadores, que se autodenominavam “modernos”, da filosofia natural, o Galileu Galilei (1564-1642) e René Descartes (1596-1650) e da física clássica, Isaac Newton (1643-1727). Denise Ferreira da Silva (2019) argumenta que estes herdaram a visão da Antiguidade sobre a matéria, que compreende a mesma a partir de conceitos abstratos que estariam presentes no pensamento: solidez, extensão, peso, gravidade e movimento no espaço e no tempo. A autora diz que, tais pensadores criaram um programa de conhecimento preocupado somente com o que chamaram de “causas secundárias” do movimento (que geram transformações na aparência das coisas na natureza), e não com as “causas primordiais” finais das coisas, ou a contingência das mesmas (SILVA, 2019).

Conforme as reflexões de Denise Ferreira da Silva (2019), foi Galileu que se apoiou na necessidade da matemática, nas demonstrações geométricas como base para a certeza. No século XVII, influenciado por esse pensamento, Descartes introduziu a separação do corpo e mente, como entidades independentes uma da outra, e que é a segunda, com suas características formais de conhecimento, que é capaz de determinar a verdade sobre o corpo e qualquer coisa que compartilhe os atributos formais, como solidez, extensão e peso. Essa separação mente/corpo instituída por Descartes, é o que Immanuel Kant (1724-1804), influenciado por Newton, consolida como responsável por identificar as forças ou leis limitantes que determinam o que ocorre nas coisas e eventos observados. Ou seja, Kant institui um

sistema de conhecimento que era sustentado por essa razão transcendental, originada das “meditações mente”.

A autora nos diz que dois dos elementos atrelados aos sistema kantiano permanecem nos programas éticos e também epistemológicos no contemporâneo: a *separabilidade* e a *determinabilidade*. A primeira, diz respeito a ideia de que tudo o que se pode conhecer sobre as coisas do mundo deve ser compreendido pelas formas (espaço e tempo) da intuição e as categorias do Entendimento (quantidade, qualidade, relação, modalidade). E que qualquer categorias que não sejam essas, são inacessíveis, e portanto, desnecessárias para o ato de conhecer. Já a determinabilidade, diz respeito à capacidade do Entendimento em produzir conceitos e formalidades para determinar/decidir a “verdadeira” natureza das impressões sensíveis reunidas pela intuição, ou seja, diz respeito à capacidade da razão em produzir conhecimento legítimo sobre o mundo (SILVA, 2019).

Depois de Kant, foi o George W. F. Hegel (1777-1831), através do método dialético, que de acordo com Denise Ferreira da Silva (2019), alcança dois objetivos. O primeiro diz respeito à noção de atualização em que corpo e mente, espaço e tempo, Natureza e Razão, são duas manifestações da mesma entidade, a saber, o Espírito, ou a Razão enquanto Liberdade. E o segundo, é a noção de sequencialidade, que descreve o Espírito como movimento no tempo, ou ainda, como um processo de expressão de autodesenvolvimento; e a História como o percurso de auto realização desse Espírito.

Com esses posicionamentos, Denise Ferreira da Silva (2019) nos diz que é introduzida uma versão temporal da diferença cultural, representada por essa atualização dos diferentes momentos do desenvolvimento do Espírito, no decorrer da história. Dizendo de outro modo, o que Hegel faz é instituir a noção do modo pelo qual o Espírito se auto realiza, e nesse sentido, se torna possível analisar o seu desenvolvimento. Através do espaço pelo qual percorrem e o tempo que levam a “evoluir” o seu Espírito.

Adiante, no contexto pós Iluminista, a física fornece modelos para estudos científicos sobre as condições humanas – uma tarefa facilitada pelas narrativas de Kant, sobre o modo de conhecer, a partir das categorias do entendimento, e de Hegel, sobre o tempo enquanto a força produtiva e realizadora do Espírito. Denise Ferreira da Silva (2019) em sua exposição sobre essas teorias e suas repercussões, avalia que esses modelos foram bem sucedidos, pois foram esses critérios que

sustentaram a reivindicação dos filósofos modernos por um conhecimento alicerçado na certeza de fatos. Ou seja, é a partir de causas eficientes e demonstrações matemáticas, que o texto moderno anuncia o único modo possível de acesso às verdades do mundo.

Após a instituição do conhecimento sobre as coisas, Denise Ferreira da Silva (2019) expõe como emerge (a partir desse campo já propiciado pelo pensamento moderno) a produção das ferramentas da dialética racial. Primeiro, a ciência da vida, como é definida por George Cuvier (1769-1832), influenciada pela filosofia natural de Newton, ainda se baseia tanto no modelo descritivo articulado no princípio da história natural, quanto na vida como a causa eficiente e final das coisas vivas. Posteriormente, no século XIX, depois que Charles Darwin (1809-1882) divulgou suas descrições da Natureza viva – em que a diferenciação acontece como efeito do princípio racional, enquanto uma causa eficiente, que atua no tempo através da força. Ou seja, o princípio da seleção natural, ou ainda, abrindo interpretações sobre a seleção natural como um resultado da luta pela sobrevivência–, a ciência da vida passaria a conduzir um programa do conhecimento da existência humana, isto é, a antropologia do século XIX, ou a ciência do homem.

Isso quer dizer que, além dos traços físicos usados no mapeamento da natureza conduzido pela História Natural, os autoproclamados “cientistas do homem” desenvolveram ferramentas próprias desse ramo. Surgem então instrumentos matemáticos, como por exemplo, o índice facial, para medir corpos humanos. Esse método de avaliação externa dos corpos, se tornaria a base da descrição e da classificação dos atributos mentais (morais e intelectuais) dos homens, em uma escala que, por suposição, registraria o nível cultural de desenvolvimento (ou seja, ferramentas que auxiliam a produção de racismos científicos<sup>16</sup>). Na atualidade, crenças como essas em classificações de atributos psíquicos através de métricas e seus nivelamentos classificatórios, reverberam através de ferramentas aplicadas nos meios digitais e plataformas (sobre esse ponto será desenvolvido mais a frente).

Na sequência da argumentação de Denise Ferreira da Silva (2019), já no século XX, o físico transformado em antropólogo Franz Boas (1858-1942), passa a executar uma mudança sobre o conhecimento da condição humana ao defender que são os aspectos sociais (e não os biológicos) que explicam como os conteúdos

---

<sup>16</sup> É a crença pseudocientífica de que existem evidências empíricas que apoiam ou justificam o racismo (discriminação racial) e/ou a inferioridade e/ou superioridade racial.

mentais (morais e intelectuais) variam. Isto é, o que é produzido nesse momento, é um conceito da diferença cultural que abriga aspectos temporais e espaciais. Com esse movimento, se institui que os estudos dos conteúdos mentais deveriam abordar as “formas culturais”, ou “padrões de pensamento”, que surgiram nos primeiros momentos da existência de uma coletividade e foram manifestados pelas crenças e práticas de seus integrantes. O que Boas argumenta é que são essas “formas culturais” que explicariam as diferenças mentais perceptíveis (morais e intelectuais).

Nesse sentido, Denise Ferreira da Silva (2019) diz que a antropologia cultural, escola inaugurada por Franz Boas, funda uma mudança metodológica na abordagem das ciências. Isto é, uma ruptura com as visões etnocêntricas da diferença humana, que ecoa com uma mudança importante na física, a saber, o princípio da relatividade de Albert Einstein (1879-1955).

Durante séculos, como esses exemplos indicam, avanços na física pós-clássica foram cruciais para o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas no estudo das questões econômicas, jurídicas, éticas e políticas que tanto produziram quanto reafirmaram as diferenças humanas. Entretanto, a autora nos diz que tais “avanços” ainda não estimularam imagens da diferença sem separabilidade. Ao contrário, eles aprofundaram ainda mais a ideia de cultura e os conteúdos mentais referidos pela mesma como expressões de uma separação fundamental entre grupos humanos em relação à nacionalidade, etnicidade e identidade (de gênero, sexual e racial) social (SILVA, 2019, p. 42). Sobre as ferramentas modernas de conhecimento:

Quando descrevem as causas da subjugação racial, as ferramentas do conhecimento racial – graças à premissa de separabilidade que carregam como parte do arsenal da universalidade científica – criam uma dialética letal a qual chamo de dialética racial, quando transmutam (a) a situação de defasagem econômica do subalterno racial causada pelos mecanismos coloniais de expropriação, isto é, o resultado de uma relação jurídico-econômica como (b) um efeito da falha moral dos brancos (preconceito racial ou crenças que alimentam a exclusão [discriminação] e obliteração racial) que é uma reação natural (explicada pela teoria do contato racial e cultural e pelo ciclo das relações raciais) à (c) diferença (física e mental) do outro racial, isto é, seu defeito natural (ou seja, argumentam que seus traços físicos e mentais “estranhos,” os quais interpreta como inferiores, dão origem ao preconceito de raça, crenças raciais ou ideologias raciais entres os brancos). Esta explicação sobre a subjugação racial, ao fazer o primeiro termo (da expropriação colonial) desaparecer na relação causal estabelecida entre os outros dois (a falha moral e o defeito natural), oclui a relação (de expropriação colonial) política (jurídico-econômica), justamente a condição fundamental do encontro entre estes “estranhos” nas colônias das Américas. (SILVA, 2019, p. 94).

Ou seja, nessa passagem do livro, Denise Ferreira da Silva (2019) nos diz que essa própria lógica implementada pelo Entendimento moderno, através de manobras violentas, invisibiliza o modo pelo qual eles estabelecem essas relações com a diferença (que emergem através da expropriação do corpo e terras do nativo/escravizado), e que, do mesmo modo, produzem ferramentas jurídicas e econômicas de análises sociais que não acessam esse conteúdo. Essas linhas de pensamento foram fortemente aderidas na época, e mais a frente, influenciaram outras que atuam como determinantes na relação que temos hoje com a diferença. Como exemplo, a autora se refere a normalização das mortes dos corpos negros e daqueles que não se enquadram no modelo colonial.

Por não querer ser conivente com as operações causais ressaltadas e oriundas desse modelo de pensamento, Denise Ferreira da Silva (2019), atravessada pelo seu interesse em desmembrar a dialética racial, aponta para a emergência de acabarmos com o mundo que conhecemos. É preciso abandonar esse mundo colonial e pensarmos em outras abordagens epistemológicas, outras construções de realidades, que não percam de vista o manejo com a diferença sem a separabilidade, pois é nesse conceito/ação que opera o programa do pensamento moderno, e que trata a diferença como oposição, como indigna e desassociada.

Pensar o fim desse mundo, conforme a autora, não é sobre incluir nesse mundo, e sim acabar com o modo de conhecer desse mundo, que tem como base um projeto reivindicador da certeza e a verdade, assentadas nos pilares da separabilidade, determinabilidade e sequencialidade.

Para isso, ela convoca o “e se” como um dispositivo coletivo que agencia outras paisagens. Denise Ferreira da Silva (2019) nos convida a deslocar o real para uma perspectiva multidimensional. A autora mina o real colonial com a seguinte questão: E se a percebêssemos o real a partir de cada existente, associados pela mediação de forças, mas como expressão singular de cada um dos outros existentes, e também do todo emaranhado em que elas existem?

Nesse sentido, é proposto uma abertura ética do pensamento como uma dissolução do entendimento colonial e a liberação desse mundo, a partir da imaginação. É preciso reimaginar a socialização. Denise Ferreira da Silva (2019) expõe uma realidade mais complexa na qual tudo possui existência efetiva. Conceber o humano emaranhado com as coisas, e que em sua constituição

fundamental em nível subatômico existam emaranhados com as demais coisas existentes do universo, é um modo de conceber a diferença sem separabilidade.

A separabilidade é uma operação de perspectiva privilegiada na concepção atual de mundo, e ela se expressa enquanto resultado de um projeto opressor e genocida, que permanece a acontecer. Portanto, assumir que esse projeto existe e constitui majoritariamente o real colonial, é se responsabilizar para não repetir, pois este não possui justificativas éticas para merecer a continuidade de sua limitada existência.

Sem a separabilidade, a diferença entre grupos humanos e entre entidades humanas e não humanas, possuem poder explicativo e significado ético muito limitados. Conforme Denise Ferreira da Silva (2019), Leibniz (1646-1716) descreve enquanto expressão singular de todas as coisas no universo. Ou seja, para além da diferença inscrita nas coisas pela perspectiva moderna privilegiada, as coisas coexistem emaranhadas.

Dizendo de outro modo, sem a separabilidade, não seria possível reduzir o conhecer e o pensar à determinação, tanto na distinção cartesiana entre mente/corpo (na qual a primeira tem o poder de determinar) quanto na redução formal kantiana do conhecimento a um tipo de causalidade eficiente. Sem a separabilidade, a sequencialidade (o pilar onto epistemológico de Hegel) não é capaz de explicar os diversos modos de existência humana no mundo, já que a autodeterminação possui uma área confinada (o espaço tempo) de operação.

Desse modo, Denise Ferreira da Silva (2019) analisa como o corpo do nativo e do escravizado é negado pela Razão e entendido como o outro, como a coisa sem valor para a perspectiva moderna, que é silenciada e subalternizada no campo do conhecimento. É no corpo do nativo/negro que existe o excesso silenciado pela gramática racial. E através desse corpo que a autora visualiza a possibilidade de uma práxis radical, que emerge desde uma premissa de profunda separação do Sujeito do Mundo.

Isso quer dizer que, em vez de uma manobra que tenta recuperar suas promessas universalistas ou transcendentais, a mudança adotada pela autora, nomeada de Poética Negra Feminista<sup>17</sup>, enquanto um modo de descrever a existência sem a separabilidade, sem as ferramentas da razão universal e fora das

---

<sup>17</sup> Figurada pelo sexual no corpo feminino, a Poética Negra Feminista seria capaz de anunciar uma variedade de possibilidades para o conhecer, o fazer e o existir (SILVA, p. 85, 2019).

narrativas da ciência e da história. Isto é, “[...] sem tudo que sustenta a trajetória transparente do sujeito da razão universal e seu controle sobre nossa imaginação política.” (SILVA, 2019, p. 87).

Essa práxis poética, retorna ao Mundo e o experimenta com a descrição da existência sob a imagem do Mundo Implicado<sup>18</sup>. O corpo, nessa perspectiva, carrega esse excesso delegado a ele próprio dentro da lógica moderna, portanto, nesse corpo habitam radicais livres e as partículas virtuais, como referentes ao excesso que sempre justifica a violência racial.

O pensamento da autora se desenvolve com o suporte da teoria de Gottfried W. Leibniz (1646-1716). Não cabe ao presente trabalho adentrar a teoria filósofo, no entanto, com a Denise Ferreira da Silva (2019), vemos que o ponto pelo qual ela se conduz através dessas reflexões, é o seu postulado em que propõe a coexistência como elementar, e que portanto, o que existe são expressões singulares desses coexistires. Esse tipo de conhecimento nos demanda outras ferramentas para ser apreendido, e por isso, se faz necessário produzir movimentos e deslocamentos que busquem transparecer as operações constituintes do real colonial, a fim de produzir colapsos nas percepções e movimentos para outros modos de apreensão da produção da realidade.

Leibniz nos acompanha aqui, junto de Denise Ferreira da Silva (2019), na compreensão de que o nível subatômico marca profundamente a existência. Entretanto, a pesquisa se distancia de concepções totalizantes, e acompanha nessa reflexão Markus Gabriel (2017), que de modo diferente, porém com reflexões semelhantes a de Denise Ferreira da Silva, defende que o mundo (enquanto categoria) não é a totalidade das coisas, como está posto em certos pressupostos modernos, e sim um tipo de esfera na qual acontecem múltiplas esferas que existem. Essa noção aparece pois para o autor, a ideia de mundo enquanto uma totalidade não dá conta da complexidade de sentidos existentes.

Ou seja, ainda que estejamos emaranhados em nível subatômico, isso não quer dizer que tudo está relacionado a tudo, mas que, conforme Markus Gabriel (2017) o que ocorre são pluralidade de campos; isto é, as conexões acontecem a partir de determinadas relações existentes, que por sua vez, produzem campos de

---

<sup>18</sup> “Basicamente, isto significa que ao nível quântico tudo está (todas as partículas estão) profundamente implicado.”(..)” No que me toca, eu leio como uma imagem da realidade (implicabilidade profunda) ao nível da “coisa, aquela dimensão (em-si-mesma) que Kant afirmou não interessar ao conhecimento e que Hegel transformou em conteúdo do Espírito.” (SILVA, p.112, 2019).



sentidos. Assim sendo, o que existe são mundos, ou ainda, a coexistência de campos de sentidos infinitos; independente de nossas impressões sobre eles, e inspirado em Meillassoux (2015), tais campos seriam ancestrais a existência humana. Ou seja, no processo de desdobramento da existência, estamos inseridos em campos de sentidos, e do mesmo modo, estamos a produzir outros, de acordo com as relações que vamos estabelecendo com esses fluxos. Para o autor, estamos no interior desse movimento de produções de construção de sentidos.

Nesse ponto, ao retomarmos a ideia de simpoiéses (HARAWAY, 2019), se ressalta que essas produções não ocorrem sozinhas, e sim em relações conjuntas; ou ainda como propõe Félix Guattari (1992) em agenciamentos coletivos de enunciação. Essa imagem cerzida a partir dessas redes de leituras, produzem nexos, que de acordo com os campos de sentidos, podem se conectar ou não e/ou podem se desdobrar em novos sentidos, de acordo com as prováveis relações possíveis.

Cabe ressaltar que devemos olhar com cuidado para a comunicação em um contexto onde o sujeito é dissolvido. Os Novos Realismos são correntes que apostam em concepções de realidades que independem dos sujeitos. Nesse ponto, caberia ampliar a reflexão em como privilegiar essa percepção: de pluralidade de mundos que coexistem, mas que de acordo com Markus Gabriel (2017) nunca constituem exatamente juntos um mundo, pois alguns se relacionam, e outros não. Nesse sentido, questionamos como operar a comunicação e produção de relações/conexões, de fabricação de campos de sentidos, de forças e agenciamentos que não (re)produzam opressões em múltiplas camadas. Ou seja, o desafio que se coloca está em como pensar em manejos que operem a partir do imperativo da coexistência, em perspectiva complexa, paradoxal e não totalizante.

Manejar esses problemas não se trata de impor uma verdade de um mundo sobre outros, visto que muitos são incompatíveis e que isso também está posto no âmbito das contingências; mas em como pensar essas diferentes existências, essas guerras de mundos, de sentidos, narrativas, sem operar hierarquias valorativas de umas sob as outras. Visto que estas ocorrem em detrimento de interesses calcados em privilégios sócios históricos e econômicos de alguns indivíduos, que retroalimentam a lógica que exclui e impõe um modo colonial e neoliberal, que engendram os cancelamentos de múltiplos modos de existências.

Não se trata também de encontrar respostas para essas questões, mas compreender essas complexidades, permanecer com esses problemas (HARAWAY, 2019), no que diz respeito a elaboração de novos pensamentos e práticas, ao se apresentar portanto, como um modo que capacita a inovação do campo imaginativo e político especulativo.

Para produzir outro campo de força, não há necessidade de ser forte, no sentido moral. Podemos pensar o campo de força como uma nave precária, um portal em vias de desaparecimento, que pode ou não instaurar condições de movimentos entre dimensões. Criar esse campo possível nesse sentido, é uma tentativa de descolonizar a matéria a partir da destruição do modo como conhecemos, para afirmar um processo anticolonial que produza a imaginação política como estratégia de cuidado e atenção. Isto é, como possibilidade de instaurar acidentes na visão colonial e experimentar novas cosmopercepções (OYEWÙMI, 2017), que ampliem a porosidade dos corpos e as (i)materialidades dos discursos.

Nesse ponto, torna-se importante ressaltar que as perspectivas culturais sobre os modos de relacionamentos, em muitas leituras são denominadas de cosmovisões; em sua maioria, esse termo emerge de certas leituras eurocêntricas. No entanto, aqui junto de Oyewùmi (2017) se tensiona o termo de cosmovisão, pois tal denominação demonstra o sentido da visão como primordial na produção de realidade. Ou seja, o mundo nessa perspectiva é percebido exclusivamente pelo olhar, pelo ato de ver. Esse termo, portanto, exclui outros modos de operações, que consideram na construção de significados a relação intrínseca da combinação de sentidos. Assim, o termo cosmopercepção (OYEWÙMI, 2017) diz mais sobre o conjunto dos sentidos imbricados no ato da percepção e compreensão da realidade, do que o privilégio de um sobre os outros.

Essa aposta na deformação perceptiva como um experimento de um processo anticolonial, se dá, portanto, na destruição do mundo como conhecemos como via especulativa para o futuro. Nesse sentido, esse emaranhado de pensamentos colapsam determinados princípios de bases ética-onto-epistemológicos que legitimam não apenas os sistemas de opressão que moldam a vida social brasileira, mas também as respostas que vêm sendo acionadas historicamente a esses procedimentos. Pois nessas bases, está enraizada uma

produção de conhecimento hegemônico de operação que afirma uma realidade totalizante.

Como vimos com as autoras e autores tratados até o momento, a colonialidade é constituinte de agenciamentos coloniais; não habitamos um mundo inativo, com estruturas e/ou fronteiras fixas, mas que, ao inverso dessa perspectiva antropocêntrica, constituímos redes complexas de relações, pluralidades de campos de sentidos (GABRIEL, 2017), com múltiplas linhas e atravessamentos.

## 2.2 ANTROPOCENO, CIBORGUE, SIMPOIESIS: (DES)INTEGRAÇÕES

A colonialidade está diretamente implicada nos modos de pensar e produzir conhecimento no Ocidente, como foi demonstrado até o momento. Por sua vez, o pensamento colonial enquanto espinha dorsal do capitalismo, produz uma relação assimétrica e cada vez mais intensificada de consumo de recursos naturais por parte de sistemas constituídos por humanos e outros atores. Esse modelo de consumo está diretamente atrelado às questões climáticas, geológicas, recursos naturais, biomas e faunas; e esse período é denominado por alguns pensamentos, dentre eles o de Donna Haraway (2019), como o Antropoceno.

Esse termo significa uma nova época geológica, que diferente de todas as outras, se caracteriza pelo momento em que o humano modificou de tal forma a paisagem global, ao ponto de não haver possibilidade alguma de retorno. O Antropoceno surge como um acontecimento em múltiplas escalas, que nos espelha com toda a sua força as alterações das camadas e das composições do planeta, na iminência constante de modificação da dinâmica de funcionamento do mesmo.

Essas transformações em camadas, também evidenciam a própria diluição da fronteira ficcional entre humano e natureza, cultura e natureza, entre outras. Desse modo, esse período geológico se apresenta como registros de determinadas práticas humanas em rede com outros atores, que moveram nessas tramas as condições do planeta para outros limites. Isto é, transformações que explicitam a indiferença de Gaia<sup>19</sup> à existência humana, tal qual como é concebida pelo modelo colonial.

Nesses termos, o Antropoceno nos traz imagens de mundos transformados, extinções de biomas, floras, faunas, assim como o agravamento de genocídios. Ou

---

<sup>19</sup> STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

seja, é um momento marcado pela aceleração da dissipação, em que não há mais refúgios, assim como a ruptura com a noção de corpo humano como permanente.

Donna Haraway (2019), de modo crítico ao Antropoceno diz que este não é simplesmente o efeito do humano, mas também está atrelado aquilo que ela vai pensar como capitaloceno<sup>20</sup>. Em outras palavras, esse termo diz sobre o efeito de um modo de funcionar específico que se sobressai a outros, de um período de tempo, e que de acordo com o Deleuze e Guattari (2010) se acopla aos agenciamentos e nas produções desejantes do social. Para Haraway (2019) o capitaloceno estaria diretamente relacionado com as convenções científicas, justamente pelo motivo de que grande parte das produções oriundas das ciências, até os dias de hoje, permanecem a desconsiderar esses impactos, e se colocam e/ou estão a serviço de interesses corporativos e neoliberais.

Nesse ponto, a autora também ativa o “e se” como uma ferramenta especulativa ao colocar as seguintes questões: “e se” a ciência tivesse emergido num paradigma feminista e socialista (e antiracista), será que as formas de classificar o mundo e por conseguinte, as formas de vida, e as questões a serem respondidas pelo método científico seriam as mesmas? Os métodos seriam também outros? Haraway (2009a) coloca essas questões para atentarmos ao fato de que a ciência, tal qual conhecemos, ainda que esteja a serviço de certos regimes, não significa que ela deva se manter assim.

Nos termos de Haraway (2019), o Antropoceno tem mais a ver com a lógica moderna de produção, do fazer ciência e com os agenciamentos do capitalismo com outros atores do que com a ação dessa espécie “humana”. É também essa racionalidade de uma outra ordem que irá se instituir e mobilizar o humano em uma complexa trama através de feedbacks, como em um sistema de retroalimentação. Por isso, a autora nos convida a olhar para a realidade, para as materialidades e as narrativas constituintes da mesma; tensionar e pensar de outros modos a própria historicidade das coisas, onde essas possam ser contadas a partir da blasfêmia e da ironia, e de outros mitos.

O ciborgue, nesse sentido, é esse mito irônico, que borra as fronteiras entre natureza e cultura, dicotomias que organizam o pensamento moderno e as ficções

---

<sup>20</sup> Para Haraway (2019) é um movimento conceitual e metodológico chave para repensar o capitalismo como um complexo historicamente situado de metabolismos e montagens. Para Jason Moore, sociólogo que desenvolveu o conceito, o Capitoceno é um argumento sobre como pensar a crise ecológica. Para uma crítica mais desenvolvida pelo autor: [jasonwmoore.wordpress.com](http://jasonwmoore.wordpress.com)

fundacionais do Ocidente. Haraway (2019), assim como Denise Ferreira da Silva (2019), nos provoca a especular aquilo que entendemos como real. Ao propor a figuração do ciborgue, a autora implementa uma episteme da parcialidade (HARAWAY, 2009b), que parte da desconstrução do olhar essencializador e da produção de alterações no modos perceptivos de compreensão da realidade.

Ao pensar o campo das relações das coisas no mundo, Haraway (2019) defende que estas acontecem a partir da complexidade e não através de binarismos que cotidianamente aprendemos a recorrer. Para a autora, o pensamento dicotômico não considera a complexidade humana e as contínuas transformações em meio a produção dessa ficção. No atual contexto de transformações globais, sejam elas humanas e não humanas, se evidencia a urgência de ficcionarmos o pensamento por vias alternativas, que ampliem o exercício cosmoperceptivo (OYEWÙMI, 2017) de produção de sentidos. Sobre esse ponto, um dos debates que a autora se posiciona é também sobre especular novas abordagens e atualizações de óticas, que se proponham a compreender e fazer alianças com as diferenças, e com as agências alienígenas a concepção moderna de humano. Dizendo de outro modo, ao pensar a partir do mito ciborgue, se afirma a própria ironia ético ontoepistemológica do pensamento moderno, e se atenta a um certo tipo de relação que constituímos com o que nos é externo, assim como a própria constituição de si e manutenção dessas redes relações.

Nesse texto, assim como nas escritas das autoras citadas, não se pretende retomar a crença em um ideal de humanidade, pois essa própria noção emerge historicamente de uma hierarquia violenta. Aqui, busca-se a tentativa de operar máquinas textuais, e que estas produzam e/ou ficcionem novos campos de sentidos. Isto é, o que se pretende é produzir relações, que desviem de epistemologias totalizante, e costurar ficções com as referências, sobre outros manejos com a realidade, no intuito de compreender alguns dos processos de subjetivações no contemporâneo. Para pensar em agências possíveis e/ou prováveis, que ensejem o inimaginável para ampliar o probabilístico. Nesse sentido, como Haraway (2009b) propõe, a partir de uma objetividade parcial, outros modos de pensar em metodologias de produção de saber, que digam mais sobre as produções dessas relações e suas implicações, do que sobre uma verdade totalizante.

A noção de ciborgue proposta por Donna Haraway (2009a), é como uma metáfora do modo pelo qual somos constituídos e estabelecemos as relações com

os outros, que acontece pela confusão das fronteiras e pela responsabilidade em sua construção. Esta imagem se situa em outra ordem, que não a moderna, e manifesta modos de vida a partir de um conhecimento construído semioticamente e materialmente em redes. Assim, para a autora, somos constituídos por tramas complexas, que possibilitam novos tipos de organismos: aqueles que se produzem junto de articulações com múltiplas redes de informações.

Para pensarmos a figura do ciborgue, junto de Fernando Selgas (1999) iniciamos a explanação do contexto no qual esse mito estaria situado. O autor, desenvolve a noção de cronotopo como uma geopolítica discursiva, pois discursos são também construções de mundo, são movimentos políticos que nos constituem cognitivamente. Esboçar a posição do ciborgue no espaço tempo é entender suas relações e conexões e possibilidades de agência. O autor nos mostra que não existe um ser sujeito, mas uma agência sujeito dentro das possibilidades de ação situadas em seu cronotopo. Mapear o ciborgue se mostra como uma geopolítica discursiva. E conhecer o contexto em que ele surge é fundamental para compreender suas possibilidades de relações. Desse modo, as coordenadas do cronotopo ciborgue visam quatro dimensões características do seu lugar de emergência: a tecnociência, o bio(necro)poder, o segundo milênio cristão e a nova ordem mundial S.A.

Com Haraway (2009a) vemos que, se por um lado o biopoder<sup>21</sup> determina o que é relevante para a vida pública, a tecnologia, incluindo as tecnologias dos corpos, é o próprio “sujeito da história universal”. Com isso, a autora nos diz que não podemos voltar a cair na crítica do tipo “homem unidimensional” diante a racionalidade tecnológica; e sim nos encontramos praticando e implementando esse tecno(necro)biopoder, de maneira contaminada e inevitável, mas responsáveis como estranhos em seu interior. Com isso, o ciborgue seria esse entrelaçado entre corpos, máquinas e significados.

---

<sup>21</sup> Conceito desenvolvido por Michel Foucault (2008) que caracteriza a passagem do poder soberano sobre o fazer morrer dos corpos, para administração do fazer viver das populações. [...] Para uma análise mais fidedigna ao contexto brasileiro o conceito de Necropoder, ou ainda Necropolítica, desenvolvidos por Achille Mbembe (2011), adotam diferentes tipos de crueldade. Não se trata apenas de administrar a vida, mas também a morte (ou ainda, a própria morte já está embutida na proteção das vidas, pois afinal, quais vidas? Isso é dizer que a violência é intrínseca aos aparatos proteção social monárquicos e/ou estatais, e que existe um interesse implícito sobre quais vidas merecem ser vividas nas ações dessas instituições históricas). E essa lógica acontece em lugares onde se tem licença para matar e deixar morrer, lugares subalternizados com uma densidade negra e/ou nativos (favelas, quilombos, territórios indígenas, comunidades periféricas). Esses conceitos se referem a política da morte adaptada pelo Estado, onde ela é a regra e é atualmente sustentada no Ocidente pelo sistema capitalista.

A via do biopoder com Donna Haraway (2009a) mostra os ciborgues como posições-sujeitos que emergem em meio a implosão, condensação e da fusão da técnica, do semiótico, do orgânico, isto é, o biopoder não habita simplesmente os domínios de uma vida, mas também os parâmetros de um viver. Ao ocorrer as transformações nesses preceitos, influenciadas pela implosão de elementos como as redes de informações, dos saberes, como a biotecnologia, entre outros, a autora aponta que esse corpo se transforma também, em um nível profundo, sua natureza e seus limites. Assim, se tornam fluidos e onde esse próprio corpo se transforma em um organismo cibernético.

Nesse sentido, Donna Haraway (2009a) convida a abrir possibilidades na figura do ciborgue. Sua imagem não é imparcial, ele emerge em um campo de interesses. Nisso, o cronotopo ciborgue permite afirmar uma objetividade encarnada, pois não se trata de uma posição fixa em um corpo reificado ou não, e sim de inflexões nas orientações e responsabilidades perante os diferentes campos semióticos e materiais de significados.

Para melhor visualizarmos o ciborgue, ainda pela via do biopoder, Haraway (2009a) nos oferece imagens para captarmos o seu sentido. A autora nos convida a nos depararmos com criaturas produzidas em laboratórios, como ratos brancos que interagem com humanos e outros seres, reconfigurando o saber biomédico, as leis de propriedade, as empresas, os medos e a esperança dos doentes.

Em mecanismos óticos propostos pela autora, como exemplo os quadros pintados por Lynn Randolph (1997), Fernando Selgas (1999) nos diz que podemos ver a esse roedor uma “criatura ciborgue” que está coroada com uma coroa de espinhos. Na obra, a criatura é uma figuração de cristo e sua história é a da paixão. Ela é sacrificada e seu sofrimento promete nos libertar da dor. Com essa imagem, nos encontramos com uma figura da narrativa secular do cristianismo, que alimenta o drama da salvação do nosso mundo tecnocientífico, atravessado pela força da dimensão milenar cristã.

Figura 1 - The Passion of Oncomouse (1994)



Fonte: Randolph (2014).

Essas narrativas cristãs penetrantes e de aparências indestrutíveis, transitam pelo cronotopo e igualmente nos constituem. Para Fernando J. García Selgas (1999) temos aí a repetição de elementos de outros cronotopos. O autor nos diz que o ciborgue seria como a inscrição de uma nova temporalidade em meio a figuração cristã ou uma refiguração do cristianismo posta à serviço dos medos e esperanças que carregam a tecnociência. Ou seja, narrativas cristãs atravessam os séculos, habitam nossos mapas cognitivos e do mesmo modo, influenciam os mitos dessa cultura predominante no Ocidente.

Entretanto, Fernando Selgas (1999) diz que não estamos frente à repetição sobre o mesmo tópico: agora a mistura tem se feito mais profunda e essas alternativas carregadas pelos mitos cristãos (apocalípticas/catastróficas versus messiânicos/redentores) não são mutuamente excludentes. O fato de estarmos atravessados por grandes narrativas, produzem uma repetição, a partir da variação de crenças. Isto é, as expectativas das narrativas cristãs atuam no modo como percebemos estas espécies ciborgues, sejam elas como uma imagem da salvação,



ou como um final apocalíptico de redenção. Nesse sentido, ao olharmos para essa dimensão semiótica do ciborgue, e examinar esses elementos que o capturam em sentidos pré existentes, pode produzir outras direções, diferente destas do segundo milênio.

Portanto, reconhecer que os mitos da religiosidade cristã influenciam os modos pelo qual a modernidade e a tecnociência percebem o ciborgue, afetam e influenciam os modos de subjetivação e imaginação da modernidade, significa apropriar se dessas imagens constituintes dos mapas cognitivos normativos, para deslocar os limites da própria racionalidade colonial tecno-científica moderna, ao direcionarmos também para outras cosmopercepções (OYEWÙMI, 2017) de mundos, que possuem outros modos de relações com as tecnologias e com as espiritualidades<sup>22</sup>.

Para retomar as vias de acesso ao cronotopo ciborgue, adentramos nesse momento a terceira passagem, a multidimensionalidade da tecnociência. Esse aspecto, é um dos âmbitos mais anunciados do desenvolvimento científico e tecnológico, o genoma humano, o oncomouse<sup>23</sup> e os chips. Com todo o controle informativo e biológico que carregam, são figuras de sofrimento e salvação que habitam esses lugares dos ciborgues, e onde o milenarismo cristão mais arcaico nos tem conduzido ao centro da tecnociência.

Nessa localização, pode-se observar a complexa ontologia e processos de subjetivações ciborgues, e apreciar a ambivalência, a polissemia e a interconexão que se dá entre os circuitos, reiterando a sua falsa inocência, desprovida de intencionalidade. É na tecnociência que se constitui a implosão das categorias que carregam a prática tecnocientífica. E nesse aspecto, Fernando J. García Selgas (1999) pontua que essa implosão, transgressão e fusão de categorias acontecem através da articulação de quatro aglomerados em que entrecruzam sujeitos, objetos e significados e compromissos, são elas:

1) As figuras e histórias que recorrem ao terreno tecnocientífico, dotadas de um sentido de comunidade que possibilita a intercomunicação. 2) o intenso trânsito

---

<sup>22</sup> O Afrofuturismo, por exemplo, incorpora um modelo histórico como referência no passado para a possibilidade de futuro. É um movimento ético-estético-político que busca produzir por meio de imagens de agenciamentos entre a população negra, com suas tecnologias, a produção de futuros em que a espiritualidade e as ancestralidades estão paradoxalmente conectadas com o tempo presente.

<sup>23</sup> Tipo de rato de laboratório que foi geneticamente modificado para transportar um gene específico chamado oncogene ativado. símbolo materializado desses tipos de hibridismos.

tecnocientífico pelas paisagens que ligam histórias, desejos, razões e mundos materiais, e terminam por reconfiguram materialmente a cada um deles. 3) que a ciência seja uma prática cultural nos mostra como significativa, dinâmica, contingente e densamente prática e real, não implica que as fronteiras deixem de existir na tecnociência, mas sim a sua determinação seja prévia ou imóvel, ou que dependa exclusivamente da classe dos científicos. 4) a presença densa da tecnociência no real, envolve nossas certezas e sustenta nossas vidas, atrai para seu campo gravitacional uma série de aspectos das ações e entidades, tais como o técnico, o textual, o orgânico, o histórico, o formal, o mítico, o econômico e o político, e as fazem implodir e colidirem entre si.

Assim sendo, não se pode reduzir tal implosão a construção social de tais entidades e ações, pois ao que se refere a Donna Haraway (2009a) é a construção constante e heterogênea, de práticas historicamente localizadas, em que nem todos os atores são humanos. Sobre essa rede heterogênea sob a qual a autora se refere, e sob a qual o presente texto vem navegando para considerar as agências que atuam em relações, a teoria Ator-Rede<sup>24</sup>, nos diz que precisamos olhar para as técnicas e pensar como elas atuam, quais são os efeitos, as redes múltiplas de humanos e outros atores que as mobilizam, como leis, empresas, ferramentas, códigos, o design, dentre outros elementos de caráter híbrido e heterogêneo, e como elas produzem subjetividades. Nesses termos, as tecnologias não são boas ou más, muito menos neutras; pois estão emaranhadas em interesses, atravessamentos políticos, teóricos e comerciais. Estão localizadas numa rede complexa, heterogênea, em que todos os pontos possuem agência, ainda que uns mais que outros.

Para seguirmos nosso trajeto no cronotopo ciborgue, temos como quarta via possível, a dimensão entendida como uma implosão comercial e consumista de imagens e mercadorias. Essa dimensão recebe o nome de Nova Ordem Mundial, acrescentada da abreviação “S.A”, onde a autora ressalta e traduz a natureza empresarial e grandes corporações (HARAWAY, 2009a).

---

<sup>24</sup> Os autores da teoria do ator-rede (Bruno Latour, Michel Callon e Madelaine Akrich) consideram que o ator é definido a partir do papel que desempenha, e do efeito que produz na sua rede. Assim, um ator pode ter caráter múltiplo e pode ser considerado como pessoas, animais, coisas, objetos e instituições. Já a rede significa os pontos de interligações e de conexões que podem se movimentar para qualquer direção, produzindo relações complexas e heterogêneas (LATOUR, 2000).

Nessa dimensão, por exemplo, temos os mecanismos de conflito e controle militares posteriores a guerra fria; as armas subnucleares de alta intensidade e as atuais corridas pelo míssil hipersônico mais sofisticado; os aparatos de acumulação flexível do capitalismo transnacional, com sua absoluta dependência das redes informáticas e plataformas digitais, e mais precisamente na capitalização de dados; e dos móveis e repentinos crescimentos da alta tecnologia.

Com Fernando J. García Selgas (1999), vemos que tais mecanismos produzem seus componentes ou elementos mais específicos, e que, portanto, serão desse cronotopo àqueles que, provém da informática, da engenharia genética e da globalização econômica. Para o autor, o nexos institucional e organizativo que parece se sobressair na articulação social de nosso mundo é o capitalismo. E especialmente aqui, nos interessa pensar essa máquina capitalística como uma ordem econômica e de consumo, que se pretende mundial e que liga a sua expansão por praticamente todo o globo, em uma complexa colonização digital dos territórios.

Posto isso, o ciborgue seria o mito nuclear da modernidade, onde se entrelaçam e fazem mais visíveis as principais normas de interpretação, valorização e localização, que de acordo com Fernando J. García Selgas (1999) deriva das quatro dimensões analisadas, ao menos no que se refere ao agente social. Conforme Haraway (2009a) o ciborgue aglutina atualmente os instrumentos ópticos, de tecnologia, de representação e demarcação das relações. E seus sistemas de produção e construção de relações, podemos analisar a partir da simpoiesis (HARAWAY, 2019).

A autora neste ponto, defende que a simpoiesis é um tipo de relação em que as conexões se constituem ao mesmo tempo, isto é, ela não acontece de modo unilateral, ou autopoietico, onde visualizamos um organismo que realiza a sua própria organização<sup>25</sup>. O que esse processo expressa é que desde as micro materialidades celulares, em um determinado momento, em determinadas conjunções, existem produções constantes do real. Simpoiesis, portanto, apresenta a imagem imbricada da constituição de mundos, de realidades não totalizantes.

---

<sup>25</sup> Os biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana criam o termo autopoiesis em 1970 para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Assim, a simpoiesis cunhado por Donna Haraway (2019), junto de sua proposição de produção conjunta de responsável, parece mais propositivo e aberto quando o interesse é refletir sobre a construção de uma agência coletiva.

Esses processos acontecem através de alianças, e que por tentativas podem ou não dar certo, acoplamentos possíveis, e que nessa imagem do ciborgue, se dá por meio de conexões informacionais.

O ciborgue e a simpóiesis enquanto figuras construídas teoricamente e deveras imbricadas atuam como uma investigação e acesso possível; e também são conceitos que nos recordam que somos constituídos historicamente em espaços materiais e de possibilidades que emergem a partir de contingências, alianças e disrupções. Tais imagens de produção de mundos nos mostram a possibilidade de compromisso com essas construções, ao ressaltar, por exemplo, a questão “em benefício e a custo de quem”?

Feita essa explanação sobre o plano conceitual de Denise Ferreira da Silva e Donna Haraway, é possível perceber que apesar das autoras produzirem seus pensamentos por caminhos diferentes, ambas mobilizam suas análises, de modo ambíguo, como uma crítica à modernidade também ambígua, e suas implicações na produção do real, visando suas categorias e as bases éticas onto-epistemológicas. As autoras fccionam o que está posto pelo conhecimento moderno para pensar outras narrativas, Denise Ferreira da Silva com a Poética Negra Feminista (2019) e a composição Fractal<sup>26</sup> ou Donna Haraway com o ciborgue (2009a) a simpóiesis (2019) e/ou o Chtuluceno<sup>27</sup>(2019), as duas convocam a pensar outros mundos orientados por uma ética das alianças. Dizendo de outra maneira, as ficções, a literatura, a poesia, produzem e/ou habitam lugares “fora” de um Sistema Mundo. Narrativas que de um certo modo, realizam e anunciam previsões sobre o fim deste mundo, e o seu “pós” ou “after”; algo como algumas das narrativas possíveis “depois do fim do mundo” ou boletins “pós-humanidade colonial”.

Enquanto especuladoras, ambas tentam pensar outras realidades, pois o axioma posto pelas conjunturas modernas/coloniais pressupõe o mundo enquanto uma ideia totalizada e como uma realidade finita, isto é, sua própria temporalidade

<sup>26</sup> SILVA, Denise Ferreira da. Pensamento Fractal. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 27.1, p. 206-214, jan./jul. 2020 <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2020.163159>

<sup>27</sup> Ficção especulativa feminista, em que a autora dialoga com as forças de ancestralidades, das formas de viver dos povos que foram incessantemente mortos. Estas forças estão sobre nossos pés, pois elas são as condições de possibilidades desse momento. Seria como se houvesse um movimento tectônico das histórias mortas, que daria a fertilidade para esse novo lugar inventivo, em que os modos de relação se dão em configurar novas alianças, e que estas sejam construídas a partir de afinidades com as diferenças.

linear (início, meio e fim) da modernidade, já aponta para a queda do céu<sup>28</sup>. Isso quer dizer, que o fim desse mundo que conhecemos, já está posto como uma condição de possibilidade, e é para esse processo que seus aparatos ambivalentes tecnocientíficos estão a se encaminhar, ao passo que, estão também na tentativa de se desviar. E, posta essa condição ambígua da modernidade, assim como do(s) capitalismo(s), além das autoras citadas, muitos críticos também apostam nesse fim para outras aberturas imaginativas sobre o futuro<sup>29</sup>.

As atuais expressões da maquinaria moderna atreladas ao sistema capitalista, não cessam de produzir agenciamentos propulsores de desejos para horizontes atravessados por interesses de grandes capitalistas, que atuam no sequestro, na invisibilidade e no extermínio de certos futuros. Nesse sentido, será apresentado algumas das problemáticas contemporâneas, que muitas vezes passam despercebidas por estarem em processos de normalização sobre a produção social, a partir da digitalização e datatificação<sup>30</sup> (VAN DIJCK, 2014) da vida. São elas o capitalismo de vigilância e o capitalismo de plataforma, assim como as epistemologias operantes nessas dinâmicas. É possível que ao nos atentarmos aos engendramentos dos fluxos de capital nessas modalidades, possamos também compreender como se constitui essa produção e como nos localizamos nessa configuração.

Até o momento, Denise Ferreira da Silva (2019) nos mostra como os três pilares do mundo colonial operam. Através de delimitações de “evidências” se produz o perfil do homem moderno, que passa a habitar o centro da tecnociência, e do mesmo modo, produzem ferramentas que ocluem o modo como se institui esse padrão. Com a autora, junto de Haraway (2009), é feita essa crítica a partir dos modos como se constituem essas relações historicamente, ao explicitar a insustentabilidade ética, estética e política dessas afirmações. Assim, o texto persiste no interesse explícito em apreender e compreender esses modos de subjetivação, para abriremos questionamentos sobre possíveis modos de agências coletivas,

<sup>28</sup> Davi Kopenawa e Bruce Albert, em seu livro *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), invoca as forças Xamânicas para falar sobre o encontro do mundo dos brancos com a sua comunidade Yanomami. No livro, ele aponta que quando todos os Xamãs morrerem, que são aqueles que se comunicam com as forças ancestrais, o céu cairá sobre nossas cabeças. (...)

<sup>29</sup> Os realismos especulativos, linha da filosofia contemporânea, se debruçam em específico na proposição de imaginar outros futuros, com ou sem humanos, que propõe refletir e ficcionar possíveis trajetórias que considerem a contingência.

<sup>30</sup> A datatificação emerge como uma estratégia promissora para a administração pública e seu controle. Porém deve-se tomar cuidado com os absolutismos numéricos, que desconhecem as histórias e narrativas envolvidas nesses processos.

resistências e éticas à tais dinâmicas que estão a transformar politicamente o horizonte de probabilidades futuras.

### 2.3 NOTAS SOBRE O(s) CAPITALISMO(s)

Como vimos no pensamento de Denise Ferreira da Silva (2019), o capitalismo triunfou graças à expropriação total dos corpos escravizados e dos territórios dos nativos. É na ação dessas violências que o capitalismo se produz e se materializa. Portanto, não se pode desconsiderar o efeito dessa expropriação colonial e, posteriormente, suas ressonâncias na violência jurídica, simbólica e a suas atualizações nos cotidianos. Conforme a autora, a racialidade opera como um arsenal ético em conjunto das arquiteturas jurídico-econômicas que constituem o par Estado-Capital (SILVA, 2019). Isso significa que a raça opera como um dispositivo constituinte do social e atualiza suas virtualidades. Com essa dinâmica acontece a captura e a predição do futuros de determinados corpos e configurações sociais.

Como vimos com a autora, a conquista (colonização/assentamento) e a escravatura são momentos integrais na violência instauradora do capital, ou seja, essas violências compõe a paisagem do capitalismo, e do mesmo modo ele é possível a partir da continuidade dessas violências (SILVA, 2020), e como um fractal, no contemporâneo se sofisticam também através dos aparatos tecnocientíficos; assim como a própria expansão do liberalismo, enquanto doutrina econômica e arte específica de governar. Achille Mbembe (2014, p. 151) nos diz que essas práticas “[...] foram financiadas pelo comércio de escravizados, num momento em que, submetidos a uma grande concorrência, os estados europeus procuram melhorar a sua força e consideram o “resto” do mundo sua pertença e seu domínio econômico.”.

Esse excesso da violência total (SILVA, 2019), é transpassado como um certo tipo de acúmulo, sob a qual a escolha desses corpos nunca foi uma opção. O excesso é um tipo de acúmulo de representações, práticas e discursos criados pelo colonial sobre esse “outro”, assim como, em um nível subatômico, as vivências ancestrais de violências co-existem com as práticas atuais que violam os corpos tratados como subalternizados. E como uma grande egrégora, essa dívida impagável invocada sobre os corpos nativos e a apropriação de sua força sobre os

modos de produção, seriam em certo sentido, a própria circunstância institucional do sistema capitalista.

Para Deleuze e Guattari (2010) o capitalismo começa, a máquina capitalista só está montada, quando o capital se acopla da produção. Podemos pensar com isso, que é no próprio cálculo do valor, em que a energia do corpo do nativo diz respeito, que se situa a base material contingente para a emergência desses modos de produção. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2010) apontam para o sentido de que o valor se apresenta como uma substância motriz dela mesma, e para a qual a mercadoria e a moeda são formas possíveis dessa substância. Para os autores, é somente nestas condições que o capital devém corpo pleno e se apropria de todas as forças produtivas. Isso quer dizer que o capitalismo soube interpretar na imanência social, o “[...] princípio geral segundo o qual as coisas continuam a funcionar apenas com a condição de desarranjar-se, e a própria crise enquanto eixo gravitacional dos modos de produção capitalista.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 306).

Sobre o capitalismo se constituir como o limite exterior de toda a sociedade, de acordo com Deleuze e Guattari (2010) é porque ele não tem limite exterior e sim um limite interior que é o capital, limite que ele não encontra, mas que reproduz, deslocando-o de modo constante. Isto nos dizeres dos autores, quer dizer que as barreiras colocadas ao capitalismo é o próprio capital; todavia, ainda que estejam no horizonte, elas não são alcançadas devido o auxílio de seu caráter fluído de alargar e deslocar seus limites internos, através de movimentos constantes e novos rearranjos emergentes.

Esses fluxos contínuos de deslocamentos, segundo os autores, pertencem [...] essencialmente à desterritorialização do capitalismo, que vai do centro à periferia, isto é, dos países “desenvolvidos” aos países “subdesenvolvidos”, que não constituem um mundo à parte, mas uma peça essencial da máquina capitalista mundial. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Para Deleuze e Guattari (2010), a dita “acumulação primitiva” do capitalismo não se produziu de uma vez para sempre na aurora do capitalismo, mas é contínua e não cessam de se reproduzir.

De acordo com Denise Ferreira da Silva (2019), essa reprodução não cessa e permanece nos dias de hoje embutida no cálculo racional do capital. Ou seja, a expropriação não acabou, ela se mantém através da subjetivação dos territórios

colonizados e dos corpos que carregam na pele códigos de enunciação, implementados pelas relações de saber/poder do Sistema Mundo Colonial. O capitalismo desse modo, acopla-se a essas reproduções esquizos<sup>31</sup> do social, e ainda que dissimule essas operações através de seus ideais liberais, tanto em sua aurora, quanto seus fluxos atuais, engendram relações, distribuições e guerras que embalam o jogo trivial de sua contingência.

Ao partirmos de análises descoloniais, podemos compreender sob essa ótica como que certos elementos se repetem, sobretudo no campo das máquinas desejanças. Como as narrativas ocluem o conteúdo dos eventos históricos, e nos subjetivam de modo a naturalizar determinadas práticas sociais, institucionais e singulares. Portanto, o desafio é a tentativa de falar de um outro campo de imanência, um modo de produzir outras narrativas sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização, a partir de um saber localizado, como a América Latina.

A colonialidade do ser, conceito desenvolvido por Nelson Maldonado-Torres (2007), diz respeito à experiência vivida do colonialismo e os efeitos da mesma na comunicação de uma sociedade; o conceito emerge como um desdobramento da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010), e torna-se fundamental para pensar os efeitos da colonialidade nos processos de subjetivação.

Pensar esses aspectos ontológicos e micropolíticos no campo das plataformas, seria como nos questionarmos tanto no nível molar, das grandes corporações, arquiteturas, design, instituições, quanto em um nível molecular, como a produção de desejo e de territórios nesses espaços. Sobre o molar e molecular, os autores Deleuze & Guattari dizem que estes “[...] não se distinguem somente pelo tamanho, escala ou dimensão, mas também pela natureza do sistema de referência considerado.” (1996, p. 87).

Assim, esse movimento diz respeito a direcionarmos nossa atenção aos agenciamentos que ocorrem nesses espaços, profundamente marcados pela colonialidade e suas múltiplas sutilezas. Isto é, busca-se compreender como a conectividade mediada pela internet, emergente na configuração de sociedade de

---

<sup>31</sup> Esse termo é desenvolvido por Gregory Bateson (1904-1980) através da teoria do duplo vínculo, que diz respeito ao seu estudo acerca das relações entre esquizofrenia e comunicação, e seu caráter ambivalente, caracterizado pelo dilema na comunicação onde o indivíduo recebe duas ou mais mensagens conflitantes.



controle<sup>32</sup> (DELEUZE, 1992), e sofisticada no formato de capitalismo de vigilância, através da datatificação (VAN DIJCK, 2014) da vida, passam a mediar, administrar e prever comportamentos com o objetivo central de gerar lucros, configuram a realidade assim como reafirmam a continuidade de certos engendramentos na capilaridade social.

#### 2.4 COLONIALIDADE DOS DADOS, PLATAFORMAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

A epistemologia dessa imensa dataficação, de acordo com Paola Ricaurte (2019) é uma evolução do paradigma positivista que se baseia em três suposições: 1) que os dados refletem a realidade; 2) a análise desses dados pode gerar um conhecimento valioso e preciso e 3) análise dos dados aperfeiçoa as decisões sobre o mundo. Isto é, são operações produtoras de realidades e de verdades “objetivas”. De acordo com a autora, essas operações amplificam as formas históricas de colonização por meio de um complexo arranjo de práticas, materialidades, territórios, corpos e subjetividades. Desse modo, essas epistemologias devem ser entendidas como expressão da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010) que acontece através da violenta imposição de modos de existência, que por sua vez dispensam a pluriversidade de mundos e percepções alternativas, para afirmar a visão antropocêntrica que intensifica um horizonte planetário em desproporção

Com a cultura de rede que surgiu junto com a web, Tarcízio Silva (2020) nos diz surgiram interpretações inocentes e cínicas que convergiram publicamente a acreditar ou defender que a abundância na geração de dados e a capacidade computacional para analisá-los levariam ao fortalecimento da produção democrática de conhecimento sobre as questões públicas. Segundo o autor, ocorreu o contrário: um aprofundamento do abismo entre “cidadãos comuns” e empresas que concentram exponencialmente não só as informações e sua capacidade de interpretação analítica, mas também a aplicação de conhecimento operacionalizado na concentração de capitais e o esfacelamento das instituições públicas.

---

<sup>32</sup> É caracterizada pela transição gradual da sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1999), para a implantação de um regime de vida inovador, onde a cibernética transforma o diagrama de poder, caracterizado pela vigilância, controle e pelo nomadismo que se expande junto às redes de informação.

Hoje, uma estrutura mais ampla da chamada digitalização, caracterizada por plataformas, pela inteligência artificial, infraestruturas e serviços em nuvem amplamente opacos. Para Shoshana Zuboff (2019), os designs, a arquitetura e as intervenções das plataformas digitais comandadas pelos grandes capitalistas atuam a partir de uma matriz behaviorista radical<sup>33</sup>.

O behaviorismo radical, postulado por Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) é um saber que caracteriza o campo filosófico da análise do comportamento como uma rejeição à abstração e à especulação. O autor defendia que as explicações sobre o comportamento humano deveriam ser resolvidas com base em evidências. Essa linha de pensamento acredita que o comportamento é diretamente influenciado pelo ambiente e seus estímulos, e que nesses termos, podemos ser condicionados para determinadas ações, com a apresentação ou retirada de estímulos ambientais. E seria através desses circuitos que se retroalimentam, que acontece a produção e a predição de comportamentos nas plataformas digitais. Essa matriz behaviorista operacionada pelos algoritmos, coloca em questão e/ou inviabiliza a realização de uma suposta “liberdade” humana<sup>34</sup>; eclipsa o debate ético, moral e político sobre o manejo daquilo que está oculto nesses processos. Essa linha da psicologia fundada por Skinner, possui como teia de fundo uma epistemologia que alega as evidências comportamentais como a “verdade” sobre o mundo e os sujeitos.

Desde final do século XIX e início do XX, diferentes ferramentas foram testadas e introduzidas para afirmar ou criticar a dita existência de uma “engenharia da alma”<sup>35</sup>. A comunicação, a propaganda e sobretudo os saberes psis foram fundamentais para a constituição de conhecimentos sobre como tornar os humanos governáveis e influenciáveis. Michel Foucault (1972) e Nikolas Rose (2011) mostram como esses saberes foram decisivos na produção de técnicas de influência e modificação de comportamentos e o modo pelo qual nos percebemos.

---

<sup>33</sup> Ainda que a autora afirme o behaviorismo radical como matriz do capitalismo de vigilância, na sequência mostra-se como outros constructos de diferentes linhas de pensamentos também são fundamentais no engendramento de ferramentas no ambiente digital, como a psicomетria, a análise do comportamento, reforçando um amplo guarda-chuva científico baseado em “evidências”.

<sup>34</sup> Essa questão levantada por Zuboff, é colocada entre aspas visto que a autora se questiona a partir do seu lugar. No entanto, enquanto território brasileiro, historicamente subalternizadas, cabe desdobrar a questão da liberdade em: liberdade para quem? como livres?

<sup>35</sup> É um termo usado ao longo da história, principalmente nas ciências psis, e que emerge em diferentes contextos aplicados a diversas abordagens. Essa “engenharia da alma” diz respeito a um modo de produzir conhecimento e comportamento associados às diferentes áreas junto da comunicação e de tecnologias. Nikolas Rose (2011) aborda essas problemáticas e vai mostrando como essa administração das subjetividades se torna uma tarefa central das organizações modernas.

A psicologia possui uma gama de teorias, metodologias e abordagens que não se comunicam, e que por vezes se embatem pela capacidade de legislar sobre a subjetividade humana. O aspecto plural dessa área, desde seus primórdios, traz consigo a interdisciplinaridade como uma produção de saber e de técnicas. Nessas associações, a psicologia se constitui enquanto uma área ampla e tecnológica, pois ela cria as condições, através de vocabulários, para a descrição do mundo e produção de técnicas de inscrever subjetividades, como o registro, as figuras, tabelas, dentre outras diferentes formas de produzir o “subjetivo” no “objetivo”. E por esse caráter diversificado, no decorrer da história esses saberes se associaram a diferentes regimes, instituições e setores.

Nesses termos, esse ramo se apresenta também como um saber experimental, pois traz a tonalidade de experimentos de produção de conhecimento e de regimes de “verdades psicológicas” sobre as pessoas. Seja em forma de testes e/ou de experimentos, a psicologia cria diversos tipos de linguagens para “entender” (e produzir) os sujeitos. E essas produções de técnicas de subjetivação foram importantes para os modelos de conduzir as condutas, de influenciar e de modificar comportamentos.

Para Shoshana Zuboff (2019) essa nova arquitetura do capitalismo é sem precedentes. Estamos atravessados por uma conjuntura que digitaliza, monitora, computa e intervém por meio de modificação comportamental. Para a autora, aquilo que o Skinner imaginou como modelo de sujeito social, o capitalismo de vigilância, a indiferença neoliberal e a ciência de dados colocaram em prática.

Shoshana Zuboff (2018) em seu artigo “Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação”, analisa como o uso do big data<sup>36</sup> por corporações instituem uma nova lógica de acumulação de capital. Nessa dinâmica, o valor está na extração e mercantilização dos dados<sup>37</sup> para empresas privadas e/ou governamentais. Essa acumulação intencional e com importantes consequências que a autora chama de Capitalismo de Vigilância, é uma arquitetura que faz com que o estilo de vida moderna seja totalmente dependente desta, que modifica completamente as relações humanas, e do mesmo modo, a produção

---

<sup>36</sup> O termo big data surge no final do séc XX para se referir à quantidade cada vez mais crescente e não estruturada de dados, gerados a cada segundo. Nos dias de hoje, diz respeito a capacidade de armazenamento e de processamento de um número imensurável de informações distintas entre si, e é utilizado pelo marketing para analisar cada perfil e direcionar/produzir as preferências dos usuários.

<sup>37</sup> Dados são cliques, acessos, tempos de tela, gostos; são rastros digitais.

desejante na imanência e (re)produção do social. Shoshana Zuboff (2018, p. 18) nos diz que “[...] o big data é o componente fundamental dessa lógica de acumulação, em que o papel fundamental dessa ferramenta é prever e modificar o comportamento humano, com o objetivo de produzir receitas preditivas e controle de mercado.”.

A autora diz que grandes empresas, como Google, Facebook, Amazon, Microsoft capitalizam os dados de modo obscuro e ubíquo, e que por muitas vezes, essas corporações saem ilesas dessas práticas e/ou com multas ínfimas comparadas aos seus lucros. O posicionamento ético diante das devidas regulamentações<sup>38</sup> dessa datatificação sem precedência no Brasil, devem estar atentos a essas precariedades de aprofundamento reflexivo das dimensões implicadas nesses processos. No entanto, por estarem em processos de discussões incipientes, facilitam o trânsito das grandes empresas entre as fronteiras nebulosas dos direitos digitais.

Outro saber que também atua em conjunto com as plataformas e o capitalismo de vigilância é a psicométrica. Essa área alia o uso de métricas ao conhecimento psicológico, no objetivo de estabelecer medidas e traços relacionados à uma suposta personalidade dos usuários. A psicométrica atua na análise da base de dados para (re)criar padrões, e um programa que realiza previsões ao concatenar perfis que sejam reconhecidos pela ferramenta como dotadas de similaridades.

Os dados e os rastros digitais combinados com métodos psicométricos poderiam “demonstrar” características e traços de personalidade das pessoas, e na atual conjuntura de vigilância, as propagandas seriam direcionadas de acordo com esses supostos perfis e interesses preditivos. Com um breve mapeamento da emergência dessas alianças instrumentais na aplicação escalar aos usuários de rede sociais, um dos investimentos que se destacou no processo de tornar esses dados psíquicos e emocionais em ativo político, foi o de pesquisas coordenadas por David Stillwell e Michael Kosinski<sup>39</sup>, vinculados à Universidade de Cambridge.

---

<sup>38</sup> A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) N°13.709, que tem passado por revisões, “[...] dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.” (BRASIL, 2018). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709compilado.htm). Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>39</sup> <https://www.michalkosinski.com/>

Nas plataformas digitais, a psicometria atua em conjunto com teorias como Os Cinco Grandes Fatores<sup>40</sup>. Modelo de avaliação de personalidade que possui cinco pilares principais: a 1) hipótese lexical: em que palavras expressam as características da personalidade, realizada através da análise da linguagem, ou seja, o modo como as pessoas usam para descrever a si mesma e/ou a outros; 2) baseada no empirismo léxico: análise empírica de como as pessoas se descreviam; 3) análise fatorial: conjunto de dados, correlação de um grande número de dados, agrupamentos de adjetivo, para chegar ao menor número de fatores possíveis; e 4) a universalidade: afirmar todas as culturas têm esses cinco fatores fundamentais (SILVA; NAKANO, 2011).

Assim, compõem “Os Cinco Grandes” a abertura (constructo referente ao grau de abertura para novas experiências), a conscienciosidade (quão perfeccionista você é), a extroversão (se você é sociável), a afabilidade (como você é atencioso e cooperativo) e a neuroticidade (se você se aborrece facilmente). Com base nessas dimensões, o Big 5 se torna uma das principais técnicas aliadas da psicometria ao dizer que é possível fazer uma avaliação precisa do tipo de pessoa (SILVA; NAKANO, 2011).

No ano de 2013, foi realizada a primeira publicação científica<sup>41</sup> que defendeu a ideia de que a análise da relação dos likes de uma pessoa no facebook com a psicometria, possibilitaria fazer previsões precisas em relação a personalidade dos usuários dessa rede social. A pesquisa argumenta que os comportamentos na plataforma podem ser usados para prever de forma automática e precisa uma variedade de atributos pessoais altamente sensíveis, que incluem os pontos de vista religiosos e políticos, a orientação sexual, a etnia, uso de substâncias os traços de personalidade, inteligência, felicidade, a separação dos pais, idade e sexo (KOSINSKI; STILLWELL; GRAEPEL, 2013). Ou seja, um estudo que afirma que “você é o que você curte”.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> O modelo Big Five, também chamado de Five Factor Model, que emerge em 1930, e que posteriormente passou por atualizações e reformulações, é dito hoje como um dos mais importantes modelos para a explicação da personalidade humana, definido a mesma como uma rede hierárquica de traços, compreendidos teoricamente como predisposições comportamentais de respostas às situações da vida (GOMES; GOLINO, 2012).

<sup>41</sup> KOSINSKI, Michal; STILLWELL, David; GRAEPEL, Thore. Private traits and attributes are predictable from digital records of human behavior. PNAS, Washington, v. 110, n. 15, p. 5802-5805, 2013. <https://doi.org/10.1073/pnas.1218772110>

<sup>42</sup> Os estudos psicométricos relacionados aos comportamentos no facebook e com os dados digitais privados, foram usados para prever e produzir comportamentos desejáveis em determinados perfis de grupos de eleitores nas eleições dos EUA em 2016, assim como a coleta de dados também de

Marcel Kosinski e sua equipe, defendem em um artigo intitulado “Deep neural networks are more accurate than humans at detecting sexual orientation from facial images”, publicado em 2018, que um algoritmo pode detectar com precisão a orientação sexual das pessoas, apenas com base em imagem faciais. No estudo, é argumentado que as diferenças entre os rostos de pessoas gays e heterossexuais eram consistentes com as teorias “aceitáveis” que explicam as origens da orientação sexual. Os autores ainda nos dizem que uma replicação do estudo “confirmou” que a orientação sexual pode ser prevista a partir desse método de análise (KOSINSKI; WANG, 2018).

Outro exemplo de ferramentas de mensuração da resposta humana e sua velocidade é desenvolvido e aplicado pela empresa a Realeyes<sup>43</sup>. Essa organização vende para aplicações comerciais a medição das emoções, das afeições e também seu rastreamento em várias escalas. Em suas mídias digitais, a empresa se auto proclama como a pioneira na “inteligência de conteúdo” para medir emoção, atenção, taxa de visualização de vídeos e imagens instantâneas em um largo conteúdo digital. A empresa tem como objetivo incorporar a resposta humana à Inteligência Artificial para “garantir” um melhor envolvimento do conteúdo de seus clientes com os públicos-alvos.

O modelo que essa empresa trabalha é o da teoria da universalidade das emoções, criado pelo psicólogo Paul Ekman. Através de pesquisas em diferentes partes do mundo, Ekman defende que existem sete emoções universais que são expressas pelo mesmo display facial; e o autor também trabalha com estudos sobre a existência de micro expressões faciais, que ocorrem quando se “tenta” suprimir uma emoção. Esse modelo, baseado em uma psicologia evolutiva, define as expressões culturais como universais por meio de processos evolutivos pelos quais a espécie humana foi desenvolvendo para se comunicar.

Esses pressupostos que embasam a ferramenta Facial Action Coding System<sup>44</sup> (FACS) é um sistema para taxonomizar expressões faciais humanas, originalmente desenvolvido por Paul Ekman e Wallace Friesen em 1976, e que no século 21 passou por algumas “atualizações”. Hoje em dia, a FACS é um

---

usuários brasileiros, através de um teste de personalidade para obter as informações daqueles que responderam ao teste gratuitamente, e também de seus amigos na plataforma, sem sua permissão. Desde então, essas ações evidenciam mais um risco posto por plataformas digitais privadas, enfrentado pelos “países democráticos”.

<sup>43</sup> <https://www.realeyesit.com/>

<sup>44</sup> <https://www.paulekman.com/about/paul-ekman/>

instrumento que quantifica as expressões, produz uma taxonomia a partir dos músculos, identifica e os torna detectáveis como ação, a partir da hipótese, que cada unidade de ação corresponde a contenção de um músculo facial distinto, ou agrupamento visível nesse conjunto facial, e descreve a intensidade desses movimentos. O autor defende que esse processo universalista do desenvolvimento da expressão facial, expressa as sete “categorias universais”, independente de cultura, local e etnia. Além da pretensão de imparcialidade de maior eficácia e de não julgamento, essas ferramentas são apresentadas como poderosas em detectar a partir das sete categorias a produção de porcentagens.

Com essa breve exposição de alguns modelos de análise comportamentais que operam no contemporâneo aliados das agências algorítmicas, podemos questionar se o uso de quantidade massiva de dados criam a “almejada” perspectiva objetiva da personalidade e das emoções humanas, ou se de algum modo esses instrumentos reforçam as estruturas sociais já postas. As “raízes” dessas teorias possuem uma matriz evolucionista, calcadas em na psicologia evolutiva, behaviorista e outros constructos, que foram no decorrer da história criticadas por adotarem universalismos para explicar e determinar a ficção do humano.

Uma das linhas constitutivas da história pregressa da psicometria enquanto ferramenta de saber/poder psi, mostra que o seu fundador, Francis Galton (1822-1911), com base na “hipótese léxica”, acredita na correlação e não na causalidade, tampouco nas contingências, como análise e interpretação dos fatos. Galton criou o termo Eugenia, e a definiu como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente (DEL CONT, 2008; CUNHA; CARVALHO, 2015). Esse autor fundou uma tradição sobre o “aprimoramento racial”, como uma ciência do aperfeiçoamento da espécie humana. Parte de seus argumentos e justificativas foram obtidas através dos seus estudos, com base em 177 biografias, e dentre estas, foram incluídas as de seus familiares. Desde a produção teórica científica de ideais racistas, seus efeitos e consequências passaram a proliferar em diversas partes do mundo<sup>45</sup>, ainda que em diferentes roupagens.

---

<sup>45</sup> O primeiro Congresso Brasileiro de Eugénismo foi realizado no Rio de Janeiro, em 1929. Um dos temas abordado era "O Problema Eugênico da Migração". O Boletim de Eugénismo propunha a exclusão de todas as imigrações não-brancas. Em março de 1931 foi criada a Comissão Central de Eugénismo. Os objetivos desta Comissão eram: manter o interesse do estudo de questões eugenistas no país; difundir o ideal de regeneração física, psíquica e moral do homem; prestigiar e

O perfil do humano idealizado pelas teorias de Galton, mobilizaram o nazismo, sistemas políticos e epistemológicos que “legitimaram” o colonialismo e a dominação de humanos sob outros. A noção de raça nesses termos emerge como dispositivo de dominação, controle e opressão social. E as intenções de mensurar e quantificar a personalidade humana, se apresentam como formas sofisticadas e contemporâneas de (re)produzir hierarquias. Noções de cunhos eugenistas como a ideia de universalidade de um tipo ideal humano, são retomadas em ferramentas algorítmicas com a suposta neutralidade e objetividade em seus discursos.

Essas ferramentas tecnológicas e seus usos não são neutras. Suas expressões atuam como forma de controle social, e suas ferramentas sustentam lógicas supremacistas brancas, promovendo a emergência do racismo algoritmo<sup>46</sup> em seus vieses e em suas fundamentações (SILVA, 2020). Se tais ferramentas precisam identificar características de personalidade, emoções, comportamento, elas aprendem a partir de parâmetros “idealizados” para realizar suas interpretações.

Essas referências são repassadas e criptografadas pelas máquinas, que por sua vez possuem a competência de analisar os dados em diferentes níveis e produzir modos de subjetivações como tipos de personalidades e emoções. No entanto, diante de realidades complexas e interseccionadas por múltiplas camadas, esses modelos atuam na contramão, de modos simplistas e deterministas sob as existências. Os próprios algoritmos estão embutidos de vieses, construídos por humanos, isto é, eles são opiniões traduzidas em códigos. Portanto, não são neutros e possuem agências que geram efeitos e impactos planetários para além dos biopsicossociais.

Para Neda Atanasoski (2019) quando nos direcionamos para a compreensão dessa “neutra” agência da automação cada vez mais acelerada e intensificada, vemos que ela carrega promessas e ameaças com recortes de gênero e raça, como mecanismos de (re)produção de uma figura liberal universalizada de ser humano. No livro “Surrogate Humanity: Race, Robots and the Politics of Technological Futures”, é feita críticas as visões tecnoliberais em relação à automação como visões

---

auxiliar as iniciativas científicas ou humanitárias de caráter eugenista que sejam dignas de consideração.

<sup>46</sup> Termo que dá conta dos modos pelos quais as práticas de discriminação étnico-raciais, estruturais, econômicas, políticas efetivas- são impulsinadas por tecnologias digitais e de automação criadas em uma ideologia supremacista branca no “Ocidente”, tornando ainda mais difícil sua identificação; Modo como as plataformas digitais, mídias sociais, aplicativos e inteligência artificial reproduzem (e intensificam) o racismo nas sociedades.



racializadas de uma supremacia branca. Para a autora, a celebração da Internet das Coisas e das infraestruturas smart, junto das plataformas estão ligadas a imaginários coloniais racializados.

Sobre esses novos desdobramentos tecnoliberais, Nick Srnicek (2018) diz que no século XXI, com as mudanças nos modos de produções sociais e interesses nas tecnologias digitais, os dados tem se tornado cada vez mais centrais para essa lógica de acumulação capital, para as empresas e as suas relações com os trabalhadores, clientes e outros capitalistas. Srnicek (2018) diz que se instaura um novo paradigma empresarial e de produção social, e desse modo, as corporações que não adentram ao jogo de extração de dados, ficam com poucas chances de serem “bem sucedidas”.

Longe de serem pensadas de modo transparente, as plataformas são empresas, entidades políticas que, segundo Benjamin Bratton (2016) se sobrepõem em nível suplementar ao sistema ligado à superfície da terra. Esses modelos oferecem funções que estabilizam implementações de ações em diferentes níveis de abstração, a partir de algoritmos pré-estabelecidos. Para o autor, a plataforma se constitui a partir de três camadas principais, a material: que se refere ao hardware, a intermediária: o sistema operacional, e a sua superfície, ou o tecido de figuras formalizadas: o aplicativo (app).

Ou seja, com Bratton (2016) vemos que a plataforma funciona a partir de sobreposições de camadas. Imagem de camadas compostas por fluxos desterritorializantes e reterritorializantes (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Assim, podemos considerar que as plataformas se organizam através de sistemas cibernéticos de comunicação, que por sua vez alargam as possibilidades de ação dos algoritmos pré-determinados, ao passo que conduz o usuário à um afunilamento de imagens de mundo e de informações específicas, geridas tanto pelas afluências algorítmicas e preditivas de seus comportamentos, quanto pela predição algorítmica, produzida pelo imaginário colonial na atmosfera digital.

Com mecanismos como big data, learn machine<sup>47</sup>, entre outros, a plataforma atua como uma máquina catalisadora de desejos, produzindo ritmos e paisagens no movimento de abstração das camadas nas interfaces<sup>48</sup>. Para Bratton (2016) a

---

<sup>47</sup> Learn machine ou aprendizado da máquina, é uma área da ciência da computação que permite automatizar respostas ao usuário a partir de inteligência artificial e big data.

<sup>48</sup> Mediam as formas de conteúdo e expressão, através do aplicativo (app).

plataforma se apresenta como uma certa composição de elementos que atuam como um modelo de negócios, composta de forma fragmentada, em diferentes funções que se formalizam através de diferentes aplicativos. E estes, se atualizam e se aperfeiçoam através de sistemas de inteligência artificial.

Sobre esse modelo de negócios, Zuboff (2019) nos diz que isso funciona como uma apropriação da realidade, transposta em dados que pode ser direcionada conforme o interesse daqueles que recolhem esses dados, através das plataformas. Para a autora, essa dinâmica tem dois imperativos, o primeiro é o da extração e o outro é da predição (conhecer, moldar e direcionar) de comportamentos. Os dois aspectos constituem uma dimensão ativa no capitalismo de vigilância, este que determina ações. Dessa forma, teríamos aí uma nova disposição social, de conduzir condutas e direcionar comportamentos: a governamentalidade algorítmica<sup>49</sup>.

Com as TIC's<sup>50</sup> cada vez mais acopladas ao dia-a-dia, junto das Internet das Coisas<sup>51</sup>, mais naturalizadas elas se tornam. A internet e seus constituintes não se resumem ao ciberespaço; seus fluxos estão ubíquos e suas interfaces vão se tornando cada vez mais imperceptíveis, se expandindo para uma internet de tudo<sup>52</sup>. Essa extração massiva recolhe os dados dos usuários e vendem a empresas, que injetam propagandas, produzem imagens de mundos e intensificação de desejos por bens de consumo financiados a crédito, ao passo que operam também por vias de uma “deslibidinização” depressiva (FISHER, 2016).

Nesse ponto, Zuboff (2019) sugere que estaríamos, a partir dessa nova nomenclatura do capitalismo de vigilância, em uma nova colonização, isto é, uma colonização por via do direcionamento de condutas. Couldry e Mejias (2019), sobre esse aspecto do colonialismo de dados e processo de extração capitalista (que se expressam na apropriação da vida humana pela conversão dos dados), sugere que seja um novo projeto de colonização por dados, em caráter global de modo que as corporações seriam as detentoras de conhecimento, e estaríamos na posição de

---

<sup>49</sup> A governamentalidade algorítmica trabalha com a ideia de uma normatividade imanente ao próprio deslocamento e circulação dos dados, bloqueando assim, as experiências sociais e políticas com a eliminação das esferas de debates e criação do comum (TELES, 2018).

<sup>50</sup> Tecnologias de Informação e Comunicação.

<sup>51</sup> Tende a produzir camadas sobrepostas ao infinito.

<sup>52</sup> Não mais restritas as coisas, hoje a internet funciona de forma ubíqua e conecta todas as coisas e lugares.

dependência desses processos, dentro da extração de valor, nos colocando frente ao paradoxo de sermos o produto e ao mesmo tempo os produtores<sup>53</sup>.

No Brasil, as grandes empresas de plataforma oferecem seus serviços, em troca, implicitamente, de dados e seus rastros digitais velados na forma de acesso gratuito. De modo obscuro, em recentes ações, o governo nacional negocia a entrega de dados em massa da população às plataformas internacionais<sup>54</sup>. Se os dados são “o petróleo do século XXI”, Sérgio Amadeu Silveira (PADILHA; FACIOLI, 2020) nos diz que estamos sendo usurpados. E continua, ao dizer que no paradigma desse novo colonialismo, os dados atuam enquanto expressões naturais da realidade, e como qualquer recurso natural no capitalismo assume um valor e é apropriado pelas plataformas. Assim, o Brasil vai construindo relações na contramão de uma soberania tecnológica, no que diz respeito a investimentos no desenvolvimento de tecnologias próprias, inclusão digital e educação digital, de estratos construídos a partir das relações complexas com as especificidades de cada território.

Sobre essa nova colonização, como afirma Couldry e Mejias (2019), em uma perspectiva situada podemos afirmar que não há uma “nova colonização”, pois de fato, esta nunca cessou de acontecer, seja sobre os corpos, os territórios e as produções de mundo. A atual estrutura material da conectividade, que historicamente foi apropriada e administrada por uma elite capitalista, se apresenta enquanto um desdobramento da colonização; e nesse sentido, o Brasil enquanto colônia europeia, na conjuntura contemporânea mantém esse status, e se (re)apresenta como uma de acordo com Sérgio Amadeu Silveira em uma entrevista, como uma colônia digital (PADILHA; FACIOLI, 2020), onde é realizada através da modulação e captura dos afetos, um processo de extração de valor. Para Silveira (2019), “A modulação nas plataformas digitais tem servido, principalmente, à expansão do neoliberalismo. As corporações utilizam do Marketing digital para moldar nossas subjetividades e formatar nossos afetos.”. E continua, “ao organizar

---

<sup>53</sup> O usuário é simultaneamente um consumidor, um recurso, um trabalhador e um produto. Essa identidade múltipla é recorrente para usuários humanos em muitos sistemas tecnológicos (CRAWFORD; JOLER, 2020).

<sup>54</sup> Sérgio Amadeu Silveira desenvolve um argumento a partir da análise de uma pesquisa em parceria nacional, que constatou que 70% das universidades públicas e secretarias estaduais de educação no Brasil hospedam parte considerável de seus dados em grandes plataformas, como Google, Microsoft e Amazon. Para o autor, não ser capaz de cuidar dos dados cruciais para as políticas públicas educacionais do país parece ser visto como fator positivo pela mentalidade neocolonial (PADILHA, FACIOLI, 2020).

nossa prática cotidiana em torno dessas corporações, passamos de utilizadores à dependentes de suas tecnologias.” (SILVEIRA, , 2019, p. 47).

## 2.5 NÃO HÁ ALTERNATIVAS?

Mark Fisher em seu livro “Realismo Capitalista - Não há alternativa?” (FISHER, 2016), discorre sobre a dificuldade de imaginarmos alternativas para o capitalismo e os desdobramentos do neoliberalismo. Suas análises demonstram a dificuldade endêmica e cultural de se renovar sem ter que retomar os fantasmas do passado. O espectro do realismo capitalista se acopla com o fim da temporalidade, e na certeza de que o futuro nos foi proibido, se acomoda na repetição do passado com o sentimento nostálgico misturado com uma certa melancolia.

Esse mal estar que atravessa a escrita de Fisher, diz respeito à narrativa do fim dos tempos, comum a alguns críticos da modernidade, que se inicia desde as repetitivas crises econômicas do capital global, e que nos conduziu a uma sensação quase generalizada de que não há alternativa ao capitalismo. Fisher (2016) percebe esse pessimismo tanto na inércia das esquerdas democráticas em fazer frente a essa lógica, quanto na cultura, que repete um passado nostálgico desejando um futuro que não chega.

Essa temporalidade da modernidade faz emergir outra expressão do realismo capitalista, que representa uma atmosfera de ações, em que, como se refere García Selgas (1999), apesar de ser um cenário diferente em alguns aspectos, as crenças e valores se repetem. Para Fisher (2016), isso significa que o nosso próprio modo de pensar e agir diferente dos interesses do capital foi capturado, isto é, inclusive os movimentos ditos anti-capitalistas tem seu espaço garantido nessa trama. Ou seja, de certo modo, estamos sendo conduzidos pela ideologia capitalista, ao compactuarmos, de modo ambíguo, com esse funcionamento.

Com as expressões contemporâneas da lógica de acumulação do capital, emergem algumas mudanças; são elas de comportamentos, cognitivas, perceptivas, sensitivas; isto é, todo um processo que transforma os corpos, mas que, entretanto, mantém o processo acumulativo de valor. Sujeitos fabricados por esses hibridismos, tornam-se praticamente condicionados por máquinas e plataformas, com seus desenhos behavioristas de estímulos e respostas e ferramentas psicológicas operantes nessas dinâmicas. Os comportamentos, sentimentos, escolhas são

apreendidos pelos algoritmos, recolhidos e embrulhados pelas grandes corporações para vender a empresas, como promessas de mais lucros; e retornam através de propagandas e mercadorias, que nos produzem desejos, criam necessidades e endividamentos.

Nesse sentido, estamos imersos nessa realidade, o que torna mais difícil imaginar saídas possíveis. Ou seja, o “fim do mundo” está posto de diversos modos, como foi tratado no texto, pois essa temporalidade é inerente ao capitalismo e aos seus valores. E paralelo a esse looping imaginativo, o capital passa também a habitar o digital. Portanto, entender nossa posição nesse contexto mais amplo, é o primeiro passo para a criação de estratégias para transformar a realidade.

## 2.6 UM HORIZONTE (XENO)FEMINISTA?

No “Manifesto Xenofeminista: por uma política da alienação”, publicado em 2015, é feito um chamado para um uso estratégico das tecnologias existentes como um modo de re-desenhar o mundo, visto que estas ferramentas implicam certos riscos e podem ser propensas a intensificação das assimetrias, ao abuso e a exploração. Nesse sentido, o Xenofeminismo advoga pela necessidade de unir interfaces tecnopolíticas que respondam a esses riscos (HESTER, 2018).

Isto é, acredita-se que a inovação tecnocientífica deve se enlaçar com um pensamento teórico e político coletivo no qual a multiplicidade de existências tenham um papel fundamental, pois essas transformações de complexidade global abrem demandas éticas e cognitivas urgentes. Ou seja, o Xenofeminismo se empenha em encarar essas responsabilidades como agentes coletivos capazes de fazer posições entre múltiplos níveis de organização política, material e conceitual (HESTER, 2018).

Visto que há uma variedade de desafios de gênero especificamente relacionados com a vida na era digital, o manifesto aponta que se torna imperativo o desenvolvimento de uma infraestrutura ideológica que suporte tanto quanto facilite intervenções dentro de uma rede de elementos, sejam eles na modalidade de cultivo da liberdade, a autodefesa digital e a libertação das redes patriarcais e racistas. Nesse sentido, conforme nos diz Helen Hester (2018) o manifesto emerge com a proposta de nos encorajar a se equipar com as habilidades para reestruturar tecnologias existentes e inventar ferramentas materiais e cognitivas novas ao serviço

de fins comuns. Pois negar a maquinaria capitalista não fará com que ela desapareça.

Sobre a tecnociência, assim como a Donna Haraway (2009a), as Xenofeministas afirmam que nada é tão sagrado que não possa ser reinventado e transformado para expandir as possibilidades; ou seja, assim como o ciborgue nos mostra a implosão de elementos onde as barreiras das dicotomias se borram, constituindo novos campos de produção de saber e de fazer, emergem novos corpos desse entrelaçado; e nesse ponto, as Xenofeministas, reafirmam que nada é sagrado, transcendente ou protegido da vontade de saber e de modificar, então, tudo pode ser hackeado (HESTER, 2018).

Hackear é produzir ou aplicar o abstrato da informação e expressar a possibilidade de outros mundos (WARK, 2006). A informação nesses termos é a virtualidade do material e do imaterial. A abstração, nesse sentido, produz um espaço em que a vida coletiva convive com seus próprios produtos. Hackear acelera a produção de novas abstrações, e os grandes hackeamentos dizem respeito a formas de organizar a livre expressão coletiva de maneira que a partir desse momento a abstração sirva ao povo, no lugar do povo servir a classe dominante. Para Mckenzie Wark (2006, p. 42), é preciso “[...] criar novos vetores de informação, inflexões que permitam uma consciência mais expandida de uma produção criativa de abstrações.”. Isto é, mais do que uma mudança cultural, o que está em jogo em hackear é a produção de novos mundos.

Entender o hackeamento nesses termos, de acordo com a autora, é a primeira luta. É impulsionar a virtualidade da informação, de se apropriar enquanto um vetor e compartilhar. Hackear é liberar a virtualidade no real. Nesse sentido, “[...] hackear consiste em descobrir, inventar, criar e produzir.” (WARK, 2006, p. 45).

Dizendo de outra forma, é afirmar que as coisas podem ser reinventadas, pois a natureza é entendida aqui como uma arena ilimitada da ciência. E nesse sentido, o Xenofeminismo declara que não há nada que não possa ser estudado cientificamente e manipulado tecnologicamente. O manifesto se apresenta como uma ambiciosa plataforma que busca construir uma nova linguagem para as questões expostas pelo capitalismo, pela supremacia branca, pelo patriarcado, entre outras questões que se apresentam como problemas sistêmicos e conectados, para construir um novo mundo a partir de seus restos, tomar outros caminhos, ressignificar a tecnomaterialidade e a utilizar como trampolim (HESTER, 2018).

Desse modo, o Xenofeminismo indexa um desejo em produzir um futuro alienígena. E com o manifesto, é feita a inserção de uma topologia para forjar uma nova lógica. Ao afirmar um futuro desligado da repetição do presente, amplia-se a busca por outros espaços, de geometrias, escalas e abstrações mais férteis e abertas para o movimento desses questionamentos, sejam estes através de ferramentas digitais, em redes sociais e plataformas (REED, 2018). Precisamos de novos instrumentos e de ações desobrigadas de identidades “naturalizadas”. Desse modo, a luta aqui é também para que a noção de “natureza” seja um terreno para ações políticas e de produção de diagramas futuros de compreensão de infraestruturas planetárias (REED, 2018).

## 2.7 QUESTÕES EMERGENTES

Feita essa explanação sobre direções possíveis para produzir novas cosmopercepções (OYEWÙMI, 2017); e na sequência, apresentado um sobrevoo dos processos de subjetivação no contemporâneo, para uma reapropriação das (tecno)materialidades existentes e suas narrativas. Muitas questões se ampliam, se relacionam e se complexificam, de modo ambíguo e impuro. Sobre os debates aqui mencionados, o que ressoa é em como construir compreensões mais coletivas, em alianças nas produções de campos de sentidos, em perspectiva descolonial?

É preciso desenvolver sensibilidades para as materialidades constituintes desses campos: os objetos técnicos, as plataformas e a produção de desejo (dentre outros atores) nessas camadas fluidas, quanto para um cuidado com os pluriversos de mundos. Assim, quais pontos de conexão se tornam possíveis para uma agência em composição com os tecnoarranjos no contemporâneo?

Em meio a crises políticas, de saúde, institucionais e econômicas, o atual governo brasileiro no contexto geopolítico, reforça a posição de subalternidade, ao afirmar um papel de laboratório global de outras potências mundiais. Em que as grandes corporações empregam suas ferramentas digitais em experimentos sociais, colonizam mentes, predizem ações, atuam sobre os corpos e conectam todas as existências à uma “hipermatrix”<sup>55</sup>, produtora de agenciamentos. Muitos elementos

---

<sup>55</sup> Alusão a hypersticion, conceito desenvolvido pelo Cybernetic Culture Research (CCRU), que se institui enquanto um coletivo performativo e produtor de ficções, ao qual denominou o termo Hiperstição de ficções que permitem mobilizar de modo acelerado, e que pelo fato de existirem, já são reais e ações possíveis.

que constituem esses processos, alimentam práticas e múltiplos desejos (produzidos e organizados em aplicativos); dentre eles os fascismos<sup>56</sup> cotidianos, que se atualizam em termos de possíveis.

Podemos nos questionar nesse sentido, qual o efeito dessas relações concatenadas com os algoritmos preditivos, no campo político, das ações e transformações sociais?

Para Mark Fisher (2016), o neoliberalismo opera pela dissolução dos territórios, e nessa conjuntura, o mercado neoliberal atua com força na reterritorialização de territórios do tipo ilhas, no sentido de fragmentar e ampliar as diferenças para aqueles mundos sob os quais o não diálogo já é posto como dado.

É possível pensarmos em modos de resistências, como exemplo, as lutas por espaço dentro dessas empresas, que possam representar melhor a diversidade em tomada de decisões, que visam construir tecnologias acessíveis e equitativas e sem opressões. No Brasil, existem coletivos que lutam e fazem frente nesses debates<sup>57</sup>. Tais embates são fundamentais para repensarmos a própria noção de tecnologia situada, para hackear e redesenhar seus limites transitórios. Essas ações nos mostram aberturas para fazer transformações por dentro. Entretanto, para além de criar políticas públicas, estimular a representatividade e ampliar o acesso tecnológico da população, essas são possibilidades de assimilação à uma configuração de sofisticação do algoritmo. Embora paradoxalmente seja um modo de luta por “reparação social”.

Fazer frente ao capitalismo e suas novas nomenclaturas, se torna mais improvável em um mundo estratificado em diferentes níveis, que dispõe de poucas e voláteis alternativas. Ainda que estar fora da dinâmica do capitalismo de vigilância e sua teia seja uma opção, um corpo “offline” é facilmente acessado, pois com quase perto de toda a estrutura terrestre está se digitalizar e suplementar novas camadas sobre a vida e suas expressões.

Ou seja, como pensar a agência em meio a essas modalidades de processos de subjetivação? Sob quais termos podemos (re)pensar o “coletivo” e qual “coletivo”,

---

<sup>56</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia: vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

<sup>57</sup> Por exemplo, O panóptico, Blogueiras Negras, PretaLab, são plataformas de comunicação de pesquisadores negras e negros sobre tecnologias e seus impactos, dentre outros coletivos e laboratórios no Brasil.



visto que vivemos uma datatificação (VAN DIJCK, 2014) da vida conjurada em configurações capitalistas?

Cabe aqui não somente avaliar os pontos a que estamos submetidos e subjugados por esse novo tipo de conexão que emerge, mas também investigar como podemos ressignificar esses processos, em outros possíveis que remetem a coletividades existentes. Novos modos de organização e produção de relações, que possam se constituir com base em uma ética afetiva e do cuidado.

Em meio a essas tramas, se configura como proposição da pesquisa, especular agências e movências no digital. Que se orientem através de outros manejos com a produção de sentidos algorítmicos, sejam estes em níveis abstratos, (tecno)materiais e afetivo. Para estimular outras imagens de ações, e atualizações dos mapas referenciais, acredita-se na importância de fertilizar novas produções narrativas, de agências virtuais e cognitivas, guiadas pelo desejo de uma cosmopercepção (OYEWÙMI, 2017), que se apresente enquanto novos modos de navegar sobre os pluriversos de mundos e sentidos, na proposta de uma descolonização do digital. Desse modo, nas páginas seguintes, pretende-se ficcionar a construção de uma cosmopercepção algorítmica. Uma especulação de uma agência no digital, que parte de uma ética afetiva e do cuidado coletivo.

### **3 MOVIMENTO 2: PROPOSIÇÕES QUE EMERGEM**

#### **3.1 DESLOCAR O REAL**

Conforme o movimento anterior, a escrita que prossegue continua a compartilhar questionamentos e desejos sobre a construção de uma agência e uma ética descolonial no espaço digital. A proposta de especular proposições para além da figura humana delimitada pelo pensamento colonial, junto de Denise Ferreira da Silva, Oyewùmi, Donna Haraway, dentre outras leituras, requisitaram da pesquisa reflexões de ordem política, econômica, interseccional, imaginativa e do cuidado com os pluriversos implicados na produção da realidade.

A humanidade fundada pelo Ocidente, como uma ficção colonial que atua como modelo de organização social operante, intervém na produção social da realidade, em termos de expectativas, comportamentos, ordenamentos,

normatividades e desejos. Produz dimensões compostas por linguagens, símbolos, signos, imagens, informações e diversos outros códigos. Cria ficções que mediam as interconexões comunicativas. E fabrica aí uma camada coletiva, que se aciona através de sentidos compartilhados, que se instauram e reverberam no mundo.

No entanto, essa realidade social é investida em diversos sentidos por um sistema econômico capitalista. O que por sua vez atravessa o ambiente digital, e dificulta uma articulação coletiva que escape, fissure e/ou anuncie o fim propriamente dito de um engendrar tóxico<sup>58</sup>. Nesse cenário complexo, atrelado às redes sociotécnicas e aos algoritmos, tais dinâmicas se retroalimentam e modulam uma concepção de humano “legítima” como modelo.

Como esse circuito se mantém? Um dos elementos apontados na pesquisa, é que funciona como um paradoxo de duplo vínculo, envolve múltiplas escalas, e se sofisticada através dos movimentos gerados pelas crises. Estratégicas e inumanas, as forças capitalistas nos compõe e dificultam os processos de imaginar e/ou desejar algo que não habite os atuais parâmetros referenciais, de um mundo que se apresenta como constituído por coisas “dadas”. É na produção desejante que o atual sistema se move, é sobre afetos, narrativas e materialidades.

Como uma ideia inicial, se torna grande, se sofisticada, estratosférica e planetária como o capitalismo? O que é ativado nesses processos em termos de escala e dimensões? Retoma-se essas reflexões, pois é explícito que esse se apresenta como um dos grandes desafios que se perpetua no contemporâneo. E ingênua é a pesquisa que desconsidera essas tramas em seus trajetos. O capitalismo emerge na violência total (SILVA, 2019) coloniza os corpos, territórios, modula um ritmo e administra suas disposições. E como uma camada, perdura através das crenças que (se) alimentam seu espectro.

Assumir uma posição crítica e reflexiva se faz necessário nesse contexto, assim como uma postura receptiva à exposição sobre a apropriação das materialidades e uma retomada do imaginário sociotécnico. Essa via de navegação

---

<sup>58</sup> O aspecto tóxico mencionado, diz respeito a crescente toxicidade no ambiente informacional, que segundo Valéria Cristina Lopes Wilke (2020), é marcado tanto pela vivência tóxica da informação que circula sem dificuldade nas redes sociais, quanto informações que intoxicam a experiência de indivíduos e grupos, como exemplo os discursos de ódio e discursos fascistas. Somado a esse aspecto, a toxidade destilada no ambiente virtual e suas expressões, representam como impeditivos de diversidade de afetos, de modo análogo, as narrativas da branquitude que atuam como toxidades que se fecham a xeno e suas possibilidades.

associativa, se manifesta como procedimentos e ferramentas de (re)existência na atual trama.

A construção dessas alianças possíveis, parte do que historicamente foi deixado, para pensar aquilo que podemos fazer no agora, ao fitar um futuro. Desse modo, a pesquisa não busca somente a dissolução do ser humano. Mas também, que o sentido possa ser construído coletivamente, a partir de uma complexidade de inteligibilidades. Como novas abstrações e códigos. E para isso, o desafio posto é a necessidade de uma reorientação política e cognitiva dos mapas normativos coletivos, através de novas ficções que modulem as realidades.

A proposta aqui é especular uma estrutura que possa comportar dinamismo e fluidez heterogênea. Produzir narrativas sobre a produção da realidade social no digital, para ampliar perspectivas nessa produção, e multiplicar suas histórias e vias de acesso. Assim, o futuro se apresenta como espaço de disputa, e o esboço de uma cosmopercepção algorítmica carrega códigos éticos possíveis, e complexifica a produção de realidades virtuais em seus atravessamentos.

Com isso, o contorno se direciona para a experimentação especulativa de outros modos de estar nessas relações. Em um contexto de imediatismo, de modulações algorítmicas em plataformas digitais, de cancelamentos, de ondas afetivas em diversas escalas e dimensões. As redes sociotécnicas emergem como um meio propício para movimentos de ordem política, pois estas atuam como uma zona de luta política cognitiva complexa. E as guerras que acontecem nesse terreno são aceleradas, instantâneas e por vezes anônimas.

As reflexões perpassadas até o momento, denunciam a dificuldade de algumas ciências em dismantelar certas operações que ocluem a violência total e reiteram a realidade social através de conceitos e tecnologias produzidas. Por isso a importância de estimular realidades que possam ser elaboradas a partir de uma experiência cognitiva atualizada e expandida, com o contexto tecnopolítico, ético e estético de suas localidades.

Em tempos de platformização do trabalho, datificação da vida e neoliberalismo, construir coletivamente uma agência em meio a trama sociotécnica, se mostra como uma tática de (tecno)resistência. É preciso apreender novas ondas para navegar em uma ontologia ciborgue (HARAWAY, 2009a). Uma movência, que ressoe em outros planos, que agrupe múltiplas camadas. E possa desfrutar da plasticidade cognitiva para acoplar com as inteligibilidades inumanas. Em vista disso,

a construção de alianças comuns entre as lutas que desejam (re)existir frente essas lógicas, convidam a deslocar da competição social para relações simpoiéticas e agrupamentos (in)orgânicos.

O texto se encaminha para o movimento de (re)imaginar como poderiam acontecer essas relações, e propõe ficcionar um território provisório denominado de cosmopercepção algorítmica. A pesquisa adota a forma de uma ideia que se agencia com outras. De conexões entre territórios que coexistem.

Em outras perspectivas, o campo problemático desenhado até aqui pode ser compreendido como campos férteis para novas ações coletivas. Por isso a cosmopercepção (OYEWÙMI, 2017) e a xenofilia (DIOP, 2015), (REED, 2018) se tornam chaves de acesso para o experimento de sensibilidades de uma agência. Sua construção é a partir de racionalidades, memórias, responsabilidades, afetos, sensibilidades, materialidades, tecnologias, antirracismos, feminismos e anti qualquer lógica que reproduza opressões a diferença. É a produção de uma práxis sensível, implicada com o fazer e com o porvir. E nessa trama, caberia (re)ativar e inventar trajetos que operem no mundo, ainda que de modo provisório e transitório.

As racionalidades não se apresentam somente como uma tecnologia colonial. Diversos povos e comunidades produzem as suas próprias. Seus modos de entendimento, de elaboração, de construção de sentido, símbolos, crenças (ALVES, SEMINOTTI, DE JESUS, 2015). E elas atuam sobre a aglutinação perceptiva e social na produção de sentidos possíveis de serem compartilhados. São nesses deslocamentos de sentidos, modulados por racionalidades e afetos, que se fabrica uma agência coletiva

Assim, promover deslocamentos xenocosmoperceptivo ao ensejar uma agência, acontece para experimentar um corpo que abraça as constantes remodelações, e que navega comprometida com a memória e com a ética. E desterritorializa-se para criar figurações (HARAWAY, 2019) provisórias, como plataformas de entendimento e produção do comum. Para navegar no espaço digital, (re)existir em suas tramas e compor novas alianças, a noção de humano precisa ser tensionada.

Nesse sentido, em um primeiro movimento da dissertação, foi feito o repensar de certas bases epistemológicas e a produção de deslocamentos de perspectivas. Pode parecer estranha as alianças teóricas aqui friccionadas. No entanto, suas modulações em comuns se mostram guiadas por uma ética do afeto e do

compromisso com a descolonização e transformação da realidade social. O interesse aqui situa-se em tensionar o contemporâneo das relações sociais com as contribuições mencionadas, para produzir novos movimentos imaginativos com as palavras, seus sentidos e suas proposições no mundo.

Com a sensibilidade de um corpo alien, atravessado por códigos descoloniais, a cosmopercepção algorítmica emerge. Uma agência que abraça a mutabilidade e a contingência, para navegar comprometida com a memória coletiva, que compõe junto e com os fluxos digitais. Ela busca reunir diferentes perspectivas, que apesar de ser um experimento teórico, pode oferecer novas programações através de seus deslocamentos sensitivos para uma nova sensibilidade. Estes, são chamados de deslocamentos xenocosmoperceptivos. E essa produção de deslocamentos, que se dá na conjunção da xeno com a cosmopercepção, se apresenta como um portal para novos modos de apreensão da realidade.

### 3.2 A XENO

Para refletir sobre cosmopercepção algorítmica, será feito um desdobramento, que inicia do sufixo Xeno. Porque pensar esse termo?

A xeno é aquilo que faz parte do plano de composição da realidade, mas que historicamente é ensinado como separado. Sua existência tensiona as camadas naturalizadas e solicita novos códigos compartilhados. É Xeno porque fomos ensinadas a naturalizar essa separação, como coloca Denise Ferreira da Silva (2019), que é resultado de contínuos processos de violências. A Xeno, navega nessa alienação que desconecta da noção de humano colonial, e reconecta em outro plano existencial, reencontra as partes “separadas”, e as abraça na ânsia do acoplamento. Ela mostra o estranho como um possível aliado, mas para isso é preciso estranhar o que é dado, desnaturalizar, apreender a alienação, avaliar as possíveis rotas navegáveis e criar outras.

Para Patrícia Reed (2018), a xeno está diretamente relacionada com a Xenofilia. A ideia de acolhimento, hospitalidade com o que é estrangeiro e uma alteridade radical. Como um tipo de engajamento com o estranho e com a alienação. Essa alienação defendida por Reed (2018), é aquela constitutiva do humano, em que não há como não ser alienados. Como se a apreensão da realidade e o compartilhamento de códigos inteligíveis fosse já um modo de alienar-se. Assim,

compreender a operação de produção de realidades alienada de existência, é também assumir uma postura ética sobre os modos de constituição dessas alienações. E poder modular possíveis relações éticas baseadas no cuidado. É sobre a capacidade de produzir experimentos, e proporcionar a partir disso, uma produção intencional e coletiva daquilo que construímos como mundo e enquanto agência no mundo.

Mas como poderia acontecer essa navegação? Pensar nessa alienação é sobre avaliar o que inclui e o que exclui desse projeto. Por isso a xeno é o movimento de associar-se com o que foi separado, e reavaliar as alianças e correspondências. É preciso pensar nesses códigos que comportam a Xeno. Esse pequeno e complexo termo, abre portais imaginativos, e aberturas para especular novos códigos sociais e políticos. Para associar-se a xeno é preciso ter a xenofilia como parâmetro e posicionamento político.

Para além da xenofilia colocada por Patrícia Reed, que se apresenta como um modo de acolher o estranho, o alienígena para pensar a construção de um sujeito coletivo, que poderia ser mais alienígena que nunca (REED, 2018), o que importa aqui, é quais são os valores e a ética pelas quais a xeno navega. Não é uma tarefa fácil pensar a xeno, sobretudo quando se requer pensar qual o estranho que vamos abraçar e quais não são os prósperos para a construção de uma agência coletiva. Assim, qual o sentido dado aqui a Xenofilia?

Enquanto comportamento coletivo, ela não é somente uma aposta do recente movimento Xenofeminista. A xenofilia é um dos valores basilares de comunidades matriarcais do Antigo Mundo. Kemeth (nome original do Egito antigo) é mencionada por Cheikh Anta Diop (2015) como o arquivo da memória dos povos, pois lá existia uma encontro interno de diversos povos do continente africana. Isto é, uma grande confluência particular da diferença, que produziu um modo de relação que parte da coexistência das diferenças.

De acordo com a teoria dos dois berços de Diop (2015) às sociedades não se diferem por estágios universais de desenvolvimento civilizacional, como propõe os autores europeus, mas por diferenças de matrizes culturais fundacionais: setentrional (norte/ ocidental) e meridional (sul/africana). Diop (2015) diz que os traços gerais do berço civilizacional meridional são a matrilinearidade (linhagem de descendência definida pela família materna)/ matriarcalismo (centralidade da mulher na tomada de decisão cultural-comunitária), compartilhamento comunitário da terra e

seus recursos naturais, índole coletiva não guerreira, culto à ancestralidade, xenofilia (abertura ao estrangeiro), e unidade moral, como exemplo da deusa antiga egípcia Maat, que orientava uma ética coletiva de equilíbrio, temperança, virtude e bem comum.

Diop (2015) afirma que são características matriarcais o equilíbrio entre mulheres e homens em todas as áreas de organização social; a origem nas sociedades agrárias; a xenofilia; o princípio de complementaridade; e entende a mulher-mãe, no centro da organização social, enquanto portadora da vida e da cultura.

O patriarcado, cuja origem são as sociedades nômades<sup>59</sup>, é hierárquico e desequilibrado nas relações, baseando-se na disputa de poder e hegemonia. Possui o racismo civilizacional, estrutural, epistemológico, cultural, religioso, institucional e ambiental como pilar estruturador, sendo também xenofóbico; e considera as mulheres perpetuadoras do pecado; crença baseada na narrativa secular judaico-cristã.

A “genuína irmandade no feminino” das comunidades de matriz africana, busca a recuperação e manutenção de ligações ancestrais oriundas do berço civilizacional. Nesses termos, a xenofilia, é entendida como o acolhimento genuíno, de irmandades e conectora da ancestralidade comum, é uma pedra angular em matrizes que partem da coexistência e da consistência das relações, da continuidade e das trocas.

Os valores das Irmandades e das associações de mulheres africanas ao longo da história estão embasadas nos mesmos princípios que são construídos no aqui agora, em espaços de resistência. São reais e palpáveis não somente no registro de uma construção teórica a ser efetivada. Esses princípios são ancestrais e estruturam comunidades fundamentadas em outras matrizes epistemológicas.

Assim, desloca-se das narrativas ocidentais, para outros códigos relacionais epistemológicos. Que partem de uma noção de um eu-coletivo como outras matrizes nos apresentam a necessidade de dissolver o sujeito colonial, e reorientar os atuais

---

<sup>59</sup> Cabe ressaltar nesse ponto, enquanto matrizes civilizatórias, nem todas as sociedades nômades são europeias, tampouco todas se tornaram colonizadoras. Do mesmo modo, se entende que o que se chama de europa é diverso. Aqui é referido a hegemonia do pensamento europeu. Assim como em outras matrizes, como a dos povos originários do continente africano, também encontramos elementos de abertura a xeno, em seus valores e modo de relacionar-se. A escolha de Diop, para pensar a xenofilia, junto das xenofeministas, também não pretende reduzir a diversidade de modos de relações do continente africano. A aposta nessa chave de leitura acontece pela potencia que ela carrega na produção de alianças.

parâmetros civilizatórios ocidentais. Desse modo, a xenofilia aqui se apresenta como um comando, de aproximação e de acolhimento. Como uma alteridade, que habita a potência de transformação e de existência.

A xeno amplia o campo do possível e do estrangeiro, enquanto estrangeiros, para produzir novas formas e composições para a passagem de novos mundos. Em que a pluriexistência seja a premissa. E afirme o que é colocado fora de plano pela perspectiva antropocêntrica. A proposição xeno quer sustentar a dificuldade de produção de mundos comuns em friccionar atmosferas compartilhadas, para buscar acessos que proliferam aberturas para as diferenças nessa configuração.

E portanto, esse novo plano comum de afetações, como um corpo estendido, em rede, em acoplamentos com máquinas, discursos e desejos, abrirá rotas guiadas pela cosmopercepção. Como um comum transitório e enquanto um exercício reflexivo especulativo, aqui se propõe a solicitação de uma nova alteridade. A xeno, portanto, se mostra como aliada da cosmopercepção. Como chaves de acesso para novas passagens. No fragmento a seguir, navegaremos sobre as ondas da cosmopercepção e seu sentido aqui evocado.

### 3.3 A COSMOPERCEPÇÃO

Para acessar a cosmopercepção, Oyèrónke Oyěwùmí (2017) nos convida a entrar em contato com outras configurações sensoriais para pensarmos corpo, gênero e mundos nas quais as possibilidades existenciais são dinâmicas e situacionais. E como principal elemento, que a localização busque orientações em outras epistemologias.

Mediada por Ìyá<sup>60</sup>, instituição central no mundo yorubá, a autora produz em seu texto deslocamentos para lugares outrora cristalizados em categorias coloniais, e nos conduz para outros modos de apreensão da realidade e das relações que se estabelecem. Oyěwùmí (2017) nos convoca a inquietações epistemológicas em que se compõe faces de uma mesma realidade que se atualiza e se multiplica pelas dinâmicas relacionais da comunidade e sua ancestralidade. A autora nos apresenta um mundo lorubá pré-colonial onde a vida é dinâmica, fluida e atravessada pela multiplicidade de sentidos possíveis para cada situação.

---

<sup>60</sup> Na língua yorubá, a palavra carrega o significado de mãe.



Ao diferir do pensamento racional, estático e singular a cosmopercepção nos convida a um profundo mergulho em um horizonte sensorial de apreensão da realidade. Ao desnaturalizar afirmações centradas em um único modo de percepção de mundo e suas categorias ocidentais que sustentam a realidade colonial e seus discursos hegemônicos.

Quando questionada a realidade e os elementos que reverberam na mesma, percebe-se que a herança filosófica colonial sobre como pensamos e agimos no mundo. Esse movimento limitado de olhar a partir de um modelo (im)posto, reproduz realidades fragmentadas e hierárquicas. Um dos efeitos disso, é quando nos direcionamos para o campo das afetações e da fluidez, e poucos elementos são percebidos e considerados.

A agência das coisas não está alicerçada somente no registro da razão eurocêntrica, como é ensinado. A “ausência do corpo” tem sido uma pré-condição do pensamento racional ocidental. As existências e pessoas que foram qualificadas com o rótulo de “(in)diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas; dominadas pelo instinto e pelo afeto, entendidos como isentos de racionalidades. Elas são o outro, e o outro é um corpo desprovido de importância.

O corpo é uma armadilha para a cosmovisão eurocêntrica. No entanto, para a cosmopercepção, o mesmo se apresenta como uma encruzilhada de múltiplas vias possíveis de apreensão. Se para a cultura ocidental um corpo é entendido como fraqueza, no giro proposto, a carne é uma perspectiva legítima da existência. Diferente da lógica ocidental de hierarquização e fixação de sentidos em papéis sociais rígidos, a cosmopercepção nos aponta direções circulares, espiraladas e que estão sempre em estado de atenção com o movimento da vida.

A cosmopercepção nos auxilia na construção de processos cognitivos para um corpo xeno, alien, estranho aquilo que costumamos tomar como possibilidades de experiências. É preciso produzir novas formas e composições para a passagem para um outro mundo. Redirecionar a cosmopercepção para os contextos digitais, institui a importância dos questionamentos sobre como aprendê-la e operá-la nesses espaços.

O conceito nos permite avaliar esses elementos através da movência que presencia e experimenta essas relações. A proposta de localizar e construir cosmopercepções coletivas, auxilia na produção de novas agências, e de alternativas para a produção das realidades sociais.

Assim, constituído o território até o momento, e a partir de uma proposição, aqui acontece a experimentação de uma escrita, que anuncia o movimento de especular a cosmopercepção algorítmica no digital.

### 3.4 RITMOS DE UM POSSÍVEL VETOR

*algoritmos, ritmos*

*alguns ritmos*

*ritmos de uma atmosfera compartilhada nos cosmos*

*no movimento de um tempo espiralar*

*tempos rítmicos*

*ritmo das vidas*

*Os algoritmos são espaços políticos, ritmados por agências diversas.*

*Síntese de um acontecer que se impõe ao movimento dos fluxos*

*Ritmos que guiam, que ordenam, que incorporam a matéria*

*Que modula o ritmo, que modula os corpos e molda futuros*

*que beneficia alguns*

*e cancela outros.*

*Como navegar com o ritmo?*

Algoritmos<sup>61</sup> são historicamente, produções frágeis e artefatos cognitivos. Dentro da psicologia, temos o papel de pensar novas intervenções que atinjam sedimentações afetivas para a produção de novas camadas cognitivas. Mas como operar novas imagens no, e sobre o digital?

O que interessa em meio a isso é o que está nessa trama. Aquilo que atualiza as estruturas e o que encontra brechas para navegar em um tempo espiralar. Ainda que seja para outras salas fechadas e desconhecidas, as brechas nos apresentam outras dimensões, e são os movimentos de rupturas que são de interesse para a construção da realidade social digital. Como romper imagens e guiar-se por outras?

---

<sup>61</sup> O algoritmo enquanto uma fórmula proposicional produz ambiguidades. Ainda que produza afirmações no meio digital, ele tende a reduzir a singularidade ao consumo dentro da lógica hegemônica, e por vezes sem abertura a xeno. No entanto, com sua linguagem simples e formal o algoritmo, também possui a potência da conexão e da mutabilidade. E se assemelha a função de um vírus, na sua simples conjunção e micro materialidade, tem a capacidade de se proliferar, mutar e multiplicar.

Com a cosmopercepção, como podemos criar relações transformadoras e anunciadoras de novos mundos, em espaços compartilhados? Através dos afetos, com as imagens, com as apreensões, e não menos importante, com a reprodução de memes<sup>62</sup>.

O espaço digital, apesar de estar sobre o domínio e registro de poucos, apresenta uma multiplicidade de possíveis movimentos e expressões culturais, com seus padrões e repetições. As humanidades digitais em associação com as redes sóciotécnicas, criam diversos modos de relações e níveis de abstrações simbólicas. Como um dos elementos desse pluri(meta)verso, o meme emerge numa roupagem digital, e a partir de ações que se repetem e contagiam, se tornam ondas culturais que se propagam através de contágios e imitações.

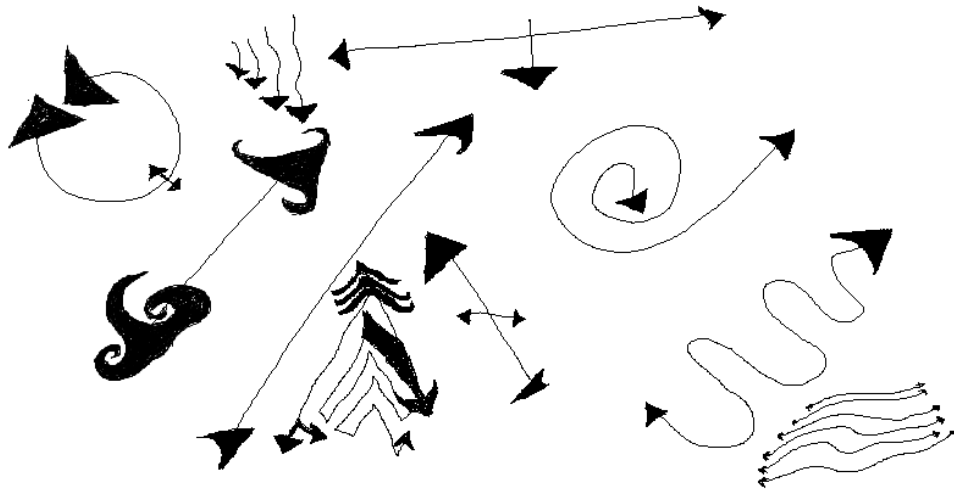
Os memes no espaço digital atuam como vetores<sup>63</sup>, de comunicação, de síntese e de desencadeamentos afetivos em largas escalas. Isto é, ele é maior do que se imagina, pois não se tem ideia da proporção escalar que pode acessar, sua duração e intensidade. Eles funcionam como fragmentos de cultura que aprendemos e espalhamos e que se modifica através das repetições. São como sentidos apreendidos anteriormente, repassados e transformados. Ações materiais e imateriais, que podem ser entendidas enquanto aceleradores do potencial produtor de realidades compartilhadas.

---

<sup>62</sup> Podemos compreender o meme como aquilo que pode ser copiado. O conceito foi desenvolvido por Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta*. Susan Blackmore (2000), nesse sentido, define em seu livro que todos os seres humanos são máquinas de fabricar memes. Ao ir mais a fundo, a psicóloga acredita que o eu interior é uma ilusão, criada pelos memes no esforço de auto replicar se. Quando copiados, são propagados através das pessoas. Nesse sentido, atuamos como máquinas meméticas, somos a plataforma pela qual se produz o design da informação.

<sup>63</sup> Um vetor para a física diz respeito à direção. Onde se pode ir? Nesse sentido, se inclui a força do impulso, a força que gera curvas e produz movimentos. O que está em jogo aqui, é a força que um vetor carrega, que rasga os mapas anteriores e abre condições para a produção de novos. Aqui o vetor pode se referir a figuras, sons, palavras, ações. Aquilo que comporta o potencial de produzir, por efeito, o que Varela (2003) chama de breakdowns, isto é, situações em que há uma quebra na continuidade cognitivo-afetiva.

Figura 2 - Vetores



Fonte: Elaborada pela autora.

### 3.5 MEME e O HIPER MEME: ACELERADORES ABERRANTES

#### 3.5.1 O Meme

Nos dias de hoje, está evidente o potencial que carregam os memes no ciberespaço. Seu poder mobilizador que produz coesões, oposições, direções, egrégoras e sentidos. Um meme em relação ao aparato sócio técnico que o constitui comporta engajamento, energia, disposições, capital e desejos.

No Brasil, estratégias políticas para produção de desejos coletivos, como práticas de disparadores massivos de memes atrelados a notícias falsas em plataformas digitais, foram intituladas de “gabinete do ódio”<sup>64</sup>. Projeto posto em ação nas eleições de 2018, para produzir uma imagem negativa entre partidos políticos, através de associação com o lado mal, dos ladrões, enquanto colocavam imagens positivas ao financiador dessas práticas, que o associavam como o bom, o “messias”, o salvador do país e do futuro.

Um dos elementos que essa estratégia utilizou a seu favor foi a lógica judaico cristã. Esta, tende realocar personagens nos mapas cognitivos normativos,

<sup>64</sup> Letícia Cesarino (2021) em um de seus artigos, volta-se especialmente à convergência infraestrutural entre neoliberalização e plataformização, que, ao consolidar uma temporalidade paradoxal de crise permanente, abre espaço para ressonâncias com “forças e poderes” que também operam de forma não linear. Segundo a antropóloga, esses elementos se apresentam como os diversos modos de nostalgia, milenarismo e tradicionalismo que acompanham a ascensão da direita radical pelo mundo.

moldados por narrativas de personagem com papéis instituídos e previstos. Um dos exemplos mencionados na pesquisa, é um dos sentidos sociais dados às tecnologias. Por vezes, atreladas à imagem de salvadora e com a promessa de afastar toda a dor humana, por outras, ou ao mesmo tempo também, como a representação do “fim dos tempos”.

Em uma dicotomia clássica entre bem e mal, vimos essas manobras sendo operacionalizadas através de memes, como modo de produção desejante e de imersão afetiva na lógica binária salvacionista ou ainda, em narrativas de heroísmos (LE GUIN, 2020). Quando o que está a ocorrer é a efetivação de uma realidade complexa na atual conjuntura política brasileira.

O meme produz ondas sociais culturais e afetos em escalas estratosféricas. Ele nos fala de hábitos que se simbolizam em uma imagem aceleradora, para um outro estado, e pressupõe a incorporação do seu campo de emergência. Ele contagia e contamina. É um espaço audiovisual em que se pode agregar textos e se difunde em espaços acelerados, como as plataformas e seus feeds, o que intensifica a aceleração dos memes. É ironia, sarcasmo, tática e manejo simbólico realista. Uma imagem que tensiona sua circunferência e pode falar sobre a produção de realidade e a apreensão da mesma.

O meme e o potencial que ele carrega enquanto um possível vetor, possuem condições de acoplar à cosmopercepção, e produzir imagens cosmoperceptivas, para novas sensibilidades através da abstração e aceleração das experiências históricas e situadas. O meme enquanto vetor de breakdowns (VARELA, 2003), se torna um facilitador afetivo, de retomada dos processos cognitivos e imaginativos, e produtor de (des)integrações em uma atmosfera compartilhada.

### **3.5.2 O Hiper meme**

O hiper meme é um exemplo de figuração (HARAWAY, 2019) pós humana. É o simbolismo constitutivo que desloca a noção de humano e a desfigura em circuitos de propagação retilínea da luz, e a recompõe através de ondas dos espectros eletromagnéticos, que o desmancham. Numa quântica corpuscular, o hiper meme apresenta uma desfiguração em conformidade com o movimento do porvir e que abraça a Xenon.

O hiper meme é uma superfície de contágio alien. São ficções que produzem novas sensibilidades. Aberrantes, destrutivas, abissais, que levam para outra

dimensão imaginativa e cognitiva. Ele destrói mundos pois parte do pressuposto que a própria humanidade já o fez. Antes da consolidação dos Temes<sup>65</sup>, o hiper meme faz a travessia do design fixado no mundo, e anuncia a dissolução para a produção de novos códigos. Apresenta os escombros como possibilidade de novos, através da contaminação da imaginação, da imersão, do deslocamento e da aceleração. São essas condições de mutabilidade que podem também levar um meme a viralização, ou seja, ao seu impacto em uma comunidade.

Pensar a figura pós-humana, como a desfiguração do humano para a construção de novas assemblages, é uma das direções possíveis para a produção de novas composições no campo simbólico, estético e político no digital. O meme pode colocar em questão a estética da relação, quando pauta, por exemplo, a ultra expressividade e quase rompimento da emoção humana, em direção à quebra desta, para a emergência de afetos alien, frente aos instituídos. Principalmente quando percebemos que aprendemos e denominamos os afetos a partir de categorias coloniais.

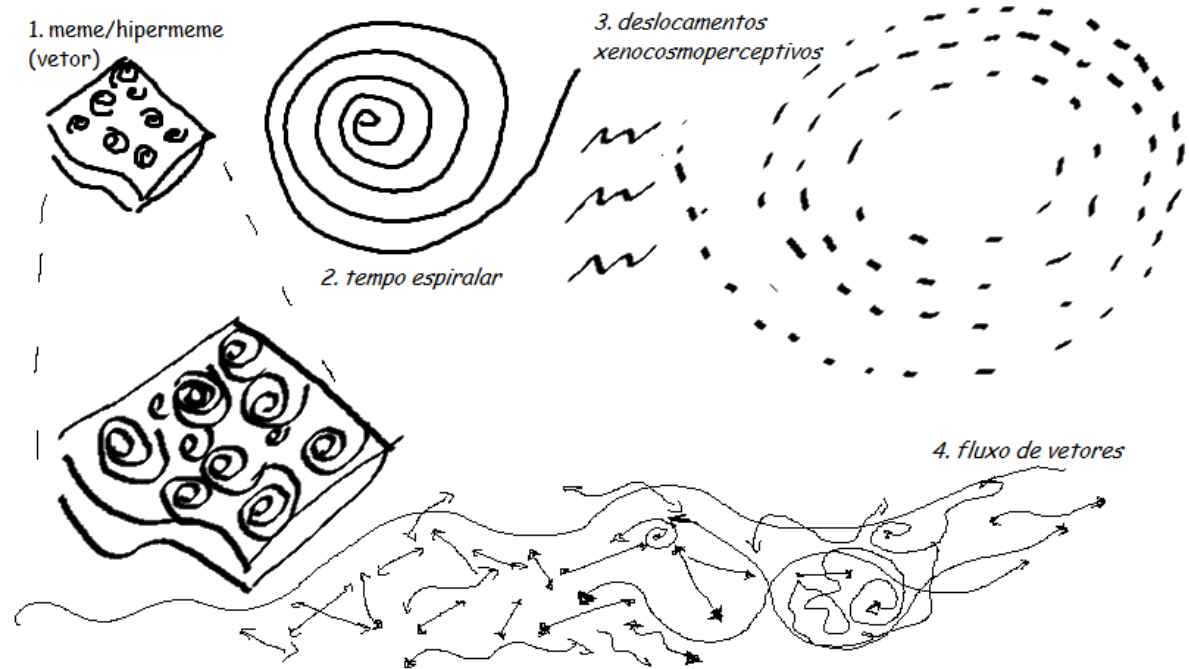
Assim, parece que o hiper meme, de acordo com a sua força cognitiva disruptiva, pode ser apropriado e direcionado para uma consciência abstrata imaginativa, para ativar o processo de produção, que aqui é denominado de deslocamentos xenocosmoperceptivos. Para isso, no meme deve conter espectros que sinalizem a destruição para a construção de um novo coletivo. Um Hiper meme e seu plano de composição tem o potencial para perturbar e alucinar, ao ponto em que as variações sejam colocadas em suspensão, e avaliação de escolhas. Esse movimento ocorre para que se possa repetir o que está engajado de modo ético com os pluriversos.

### 3.6 DESLOCAMENTOS XENOCOSMOPERCEPTIVOS, TEMPO ESPIRALAR, COSMOPERCEÇÃO ALGORÍTMICA E BIOMAS AFETIVOS: ELEMENTOS DE UMA ATMOSFERA COMPARTILHADA:

---

<sup>65</sup> O teme, conforme a definição de Susan Blackmoore (2000), tende a tornar tudo de forma alheia ao humano. Segundo a autora, estamos no ponto de emergência do terceiro replicador no planeta, e este se anuncia sem necessitar da figura humana para sua replicação. Diz respeito à inteligência artificial e seus aparatos sóciotécnicos.

Figura 3 - Deslocamentos xenocosmoperceptivos



Fonte: Elaborada pela autora.

Os deslocamentos xenocosmoperceptivos emergem a partir do atravessamento, disruptivo ou não, provocado por um ou mais vetores. Ou seja, eles podem ser facilitados por imagens, palavras, memes, sentidos e afetos, que tenham contido em seu conteúdo inteligibilidades de realidades descoloniais. Frutos do hackeamento dos códigos coloniais e hegemônicos.

Os deslocamentos, quando ocorrem, expressam a mutabilidade de um corpo alien, que afeta e é afetado. Ele opera a partir de um tempo espiralar (GLISSANT, 2021), figura 2. Isto é, um tempo que emerge na relação. O tempo acontece em espiral, pois desafia a ordem linear hegemônica, com a função de evocar e compartilhar a memória coletiva. É um tempo que opera em ritmos, que parte do que nos foi deixado para se mover no presente ao fixar um futuro.

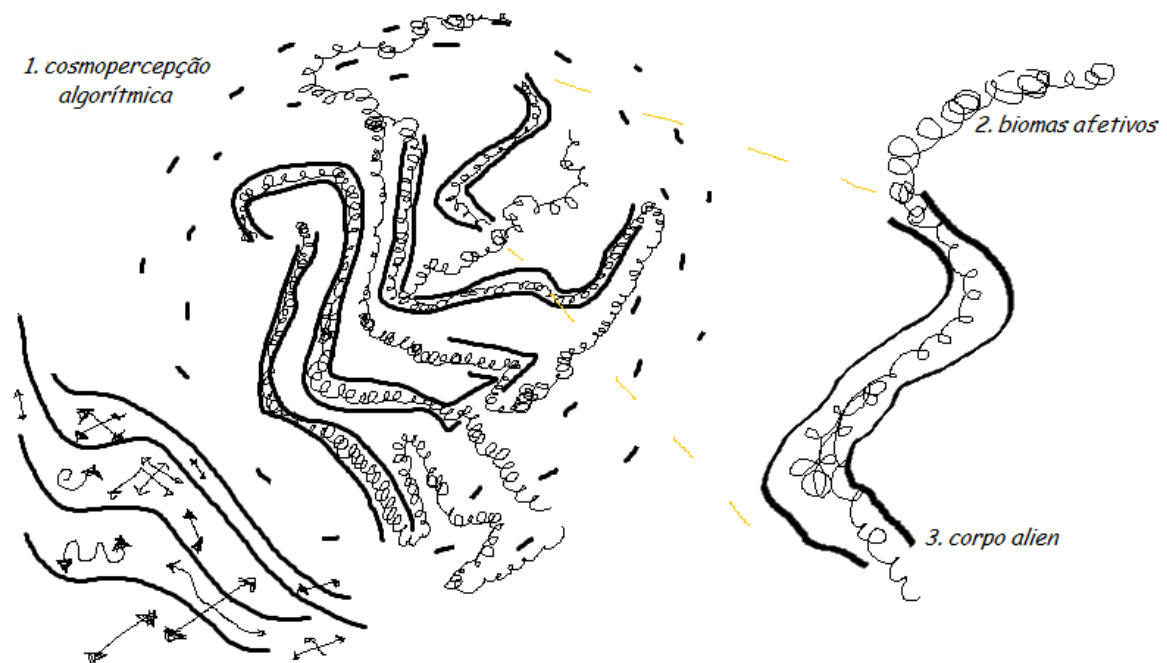
Nesse sentido, ele pode acontecer quando existe um comprometimento ético com as partes envolvidas. Assim, o meme/hiper meme, figura 2, quando está comprometido com novos códigos, o que ele transmite e contagia, carrega a potência dos tempos espiralares.

Esse tempo possui condições de operar deslocamentos xenocosmoperceptivos quando inserido em vetores. Para promove-los, figura 3, é

preciso portanto, deslocar-se de perspectivas coloniais. Com a dissolução do pensamento eurocêntrico, e a abertura para a xeno, junto da cosmopercepção.

O meme, enquanto um exemplo de vetor apresentado, pode carregar em si tempos espiralares. Quando se entra em contato com um vetor, tanto em nível singular quanto plural, temos a produção de deslocamentos xenocosmoperceptivos. Com isso, inicia-se a produção de um corpo alien, que é envolvido pelos deslocamentos.

Figura 4 - Cosmopercepção algorítmica



Fonte: Elaborada pela autora.

A cosmopercepção algorítmica opera através da composição desses elementos. E se forma a partir da incorporação da multiplicidade e da não separabilidade, que dá a sustentação desses processos de construção de outras sensibilidades. Ela se configura não mais como um corpo colonial com seus sentidos fixos, e sim enquanto uma agência coletiva.

Agências coletivas que habitam essa atmosfera compartilhada, se conglomeram e produzem espaços seguros, de acolhimento onde os biomas afetivos (NOGUERA, 2021) circulam, figura 2, pelos ritmos ali criados e partilhados. Pelo afeto ancestral, cósmico, espiralar. O acolhimento e a compreensão habitam e



transformam. A ética com os pluriversos e as novas emergências se modulam numa estética afetiva, coletiva e em redes.

Uma atmosfera compartilhada representa a coexistência dos elementos constitutivos da camada digital. Para acontecer uma atmosfera compartilhada, as agências cosmoperceptivas algorítmicas, que habitam o digital devem produzir redes consistentes, de apoio e cuidado. A atmosfera compartilhada, se refere ao campo ético, estético e político que se afirma nesses processos. Uma atmosfera compartilhada se produz sobre os afetos. Ela envolve, e ao mesmo tempo é o efeito dos comuns transitórios. É o plano escalar das conexões e alianças que construímos no decorrer da existência.

Quando fazemos o movimento de apreender a realidade a partir da cosmopercepção algorítmica, compreendemos que os afetos nutrem e condensam a atmosfera compartilhada. Nesse sentido, eles podem ser compreendidos como biomas afetivos. Como parte constituinte da consistência e coletividade de uma atmosfera compartilhada.

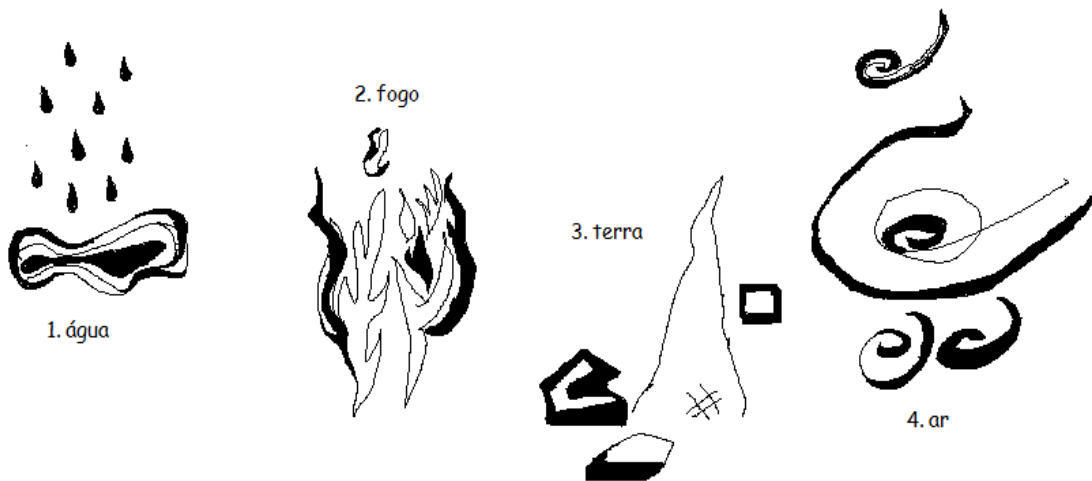
Os biomas afetivos, conforme Renato Noguera (2021), são ambientes nos quais um Ori<sup>66</sup> cresce e se manifesta, isto é, são como ecossistemas formados por vegetação, solo e clima em que determinados afetos, ideias, comportamentos, linguagem e pensamentos habitam.

O bioma afetivo nutre o corpo alien, as agências, e a atmosfera compartilhada em um plano geral. Eles são compostos por afetos de água: mar, rio e lago; fogo: solar, vulcânico e fogueira; terra: arenosa, argilosa, humosa e calcária; e pelo ar: brisa, ciclone, furacão, tufão, tornado e vendaval. Para a perspectiva descolonial da geopsicologia de Orunmilá, cada um desses afetos devem ser interpelados a partir de suas categorias específicas. Os afetos nesse sentido, são as condições necessárias para a energia vital. Quando somados ao amor, permitem a compreensão da interdependência coletiva. De que não somos indivíduos, e sim agências atravessadas por coletividades.

---

<sup>66</sup> Ori, da língua yorubá, significa cabeça, refere-se ao guia pessoal, em toda sua força e grandeza.

Figura 5 - Bioma afetivo



Fonte: Elaborada pela autora.

O bioma afetivo é um ambiente que emerge de uma interação social, política, histórica e cultural. E quando direcionados para o digital, podemos ver como uma das forças nutritivas das singularidades da cosmopercepção algorítmica. Assim, ele se mostra como uma das alianças na produção dessa agência coletiva e descolonial.

### 3.7 COSMOPERCEPÇÃO ALGORÍTMICA: POR UMA AGÊNCIA ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA

Refletir sobre a possibilidade do meme atuar como um vetor de transformação e de produção de deslocamentos xenocosmoperceptivos, é compreender que tais processos cognitivos acontecem como sustentação na proposta da dissolução do humano colonial. Com isso, se produz aberturas para acontecer a construção de um corpo alien, em associação e em redes.

A cosmopercepção algorítmica, proposição das reflexões erigidas na pesquisa, é uma proposta para fabricar novas sensibilidades. Ela é construída coletivamente quando uma rede está eticamente alinhada. Esse tipo de alteridade, em que a diferença não é separada e sim acoplada aos códigos éticos que ela carrega, nos proporciona uma nova agência. Isto é, não se refere mais a uma reiteração de humano ou de um eu singular, e sim da compreensão que o espaço

digital é múltiplo, habitado por pluriversos, heterogeneidades, conexões, informações e desejos.

As agências coletivas que habitam a atmosfera compartilhada, se conglomeram e produzem quilombos digitais: espaço seguro, de acolhimento onde os biomas afetivos circulam, pelos ritmos ali criados e partilhados. Pelo afeto ancestral, cósmico, espiralar, o acolhimento e a compreensão transformam e ressignificam os espaços. Assim, a ética do cuidado com os pluriversos e as novas emergências se modulam numa estética do afeto.

Uma atmosfera compartilhada é composta por diferentes biomassas, químicas, físicas, vetores e materialidades. Composições afetivas que nos atravessam, e que por sua vez, é atribuído ao outro aquilo que reverbera e sentimos. De acordo com uma ética afroperspectivista, somos compostos por diferentes elementos. Essa atmosfera, de algum modo, reflete em nossa constituição material e imaterial, e também na ordem dos afetos e desejos.

Produzimos a partir da complexidade e heterogeneidade uma atmosfera compartilhada, de diferentes lugares, direções, vozes, palavras, imagens e afetos. Ela se materializa na viralização daquilo que intensifica e acelera sua densidade, e produz novos corpos, novos sentidos e direções.

A cosmopercepção algorítmica produz um estado afetivo que possibilita avaliar e redesenhar os vetores que ali circundam como flechas lineares, para imagens e sensações espiralares, de tempos que já foram e permanecem, na construção de um futuro. É preciso fazer o presente pulsar, emergir aquilo que as imagens carregam. Não reverberar imagens opressoras, e sim fazer dos gestos digitais deslocamentos de suas implicações. Desse modo, a cosmopercepção algorítmica avalia como navegar por esses espaços de contemplação estética e ação ética política, ao evidenciar a dimensão coletiva do afeto.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Míriam; SEMINOTTI, Nedio; JESUS, Jayro Pereira de. Conhecimentos e verdades: racionalidades em questão! In: SILVA, Leonardo Machado da; MORAES, Maria Lúcia Andreoli de. **Psicologia & espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2015. 163 p.

ATANASOSKI, Neda; VORA, Kalindi. **Surrogate humanity**: race, robots and the politics of technological futures. Durham: Duke University Press, 2019.

BLACKMOORE, Susan J. **La máquina de los memes**. Barcelona: Paidós, 2000.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709compilado.htm). Acesso em: 26 jan. 2022.

BRATTON, Benjamin H. **The stack: on software and sovereignty**. Cambridge: MIT press, 2016.

CESARINO, Letícia. Ideias voltaram ao lugar? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. **Caderno CRH** [online], Salvador, v. 34, e021022, p. 1-18, 2021. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44377>

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. **Television & New Media**, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019. <https://doi.org/10.1177/1527476418796632>

CRAWFORD, Kate; JOLER, Vladan. Anatomia de um sistema de inteligência artificial. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo**. Campinas, 20 set. 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/anatomia-de-um-sistema-de-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CUNHA, Fabiana Lopes da; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Relatos de um explorador inglês: uma perspectiva da viagem de Francis Galton pelo sudoeste da África (1850-1852). **sÆculum - Revista de História**, João Pessoa, v. 33, p.319-337, jul./dez. 2015.

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662008000200004>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo, capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia: vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: No hay alternativa?** Buenos Aires: Caja Negra, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica:** Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GABRIEL, Markus. **Sentido y existência:** una ontología realista. Barcelona: Herder, 2017.

GÁRCIA SELGAS, Fernando J. El cyborg como reconstrucción del agente social. **Política y Sociedad, Madrid**, v. 30, n. 165, p. 165-191, jan. 1999.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GOMES, Cristiano Mauro Assis, GOLINO, Hudson Fernandes. Relações hierárquicas entre os traços amplos do Big Five. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.25, n. 3, p. 445-456, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300004>

GUATTARI, Félix. **Caosmose, um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 1992.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZURU, Hari; TADEU, Tomaz. (Org.). **Antropologia do Ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 2009b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 19 set. 2020.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema.** Generar parentesco en Chthuluceno. Tradução: Helen Torres. Buenos Aires: Consonni, 2019.

HESTER, Helen. **Xenofeminismo, tecnologías de género y políticas de reproducción.** Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

KOSINSKI, Michal; STILLWELL, David; GRAEPEL, Thore. Private traits and attributes are predictable from digital records of human behavior. **PNAS**, Washington, v. 110, n. 15, p. 5802-5805, 2013. <https://doi.org/10.1073/pnas.1218772110>

KOSINSKI, Michal; WANG, Yilun. Deep neural networks are more accurate than humans at detecting sexual orientation from facial images. **Journal of Personality and Social Psychology**, [S. l.], v. 114, n. 2, p. 246–257, 2018.

LATOURE, Bruno. **Ciência em Ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LE GUIN, Ursula K. **The carrier bag theory of fiction**. London: Ignota Books, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S. et al (Orgs.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Barcelona: Melusina, 2011.

MEILLASSOUX, Quentin. **Después de la finitude**: ensayo sobre la necesidad de la contingencia. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

NOGUERA, Renato. **Biomias afetivos**: Onde o amor pode habitar? [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min 58 seg). Publicado pelo Canal do Noguera. Disponível em: [https://youtu.be/AzfGcR\\_kGU4](https://youtu.be/AzfGcR_kGU4). Acesso em: 27 jan. 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. La invención de las mujeres. **Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Bogotá: En la Frontera, 2017.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Colonialismo tecnológico ou como podemos resistir ao novo eugenismo digital – entrevista com Sérgio Amadeu Silveira. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 25, n. 48, p. 2020. <https://doi.org/10.52780/res.13980>

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. Perú Indígena, [S. l.], v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RANDOLPH, Lynn. **O laboratório/A paixão de OncoRato, Lynn Randolph, 1994**. Blog de Tópicos Especiais em Teoria das Ciências Humanas I. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://nosanimais.wordpress.com/2014/11/23/o-laboratorioa-paixao-de-oncorato-lynn-randolph-1994/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

REED, Patrícia. **Xenofilia e desnaturalização computacional**. São Paulo: Zazie edições, 2018. (Coleção TRAMA).

RICAURTE, Paola. Data epistemologies, the coloniality of power, and resistance. **Television & New Media**, Burlington, Vermont, v. 20, n. 4, p. 350-365, 2019. <https://doi.org/10.1177/1527476419831640>

- ROSE, Nikolas. **Inventando nossos** selfs: psicologia, poder e subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.
- SILVA, Denise Ferreira da. Pensamento Fractal. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 27.1, p. 206-214, jan./jul. 2020 <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2020.163159>
- SILVA, Izabella Brito; NAKANO, Tatiana de Cássia. Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 51-62, abr. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 jan. 2022.
- SILVA, Tarcízio. **Linha do tempo do racismo algorítmico**. Tarcízio Silva: pesquisa, métodos digitais, ciência, tecnologia e sociedade. [S l.], 2019. Disponível em: <http://https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais, olhares afrodiáspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 17-26, jan./jul. 2019. <https://doi.org/10.31657/rcp.v3i6.111>
- SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra. 2018.
- TELES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas \*. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, p. 429-448, ago. 2018. <https://doi.org/10.1590/0100-512x2018n14005et>
- VAN DIJCK, José. Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. **Surveillance & Society**, v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014. <https://doi.org/10.24908/ss.v12i2.4776>
- VARELA, Francisco. O reencantamento do concreto. **Cadernos da subjetividade**, São Paulo, n. 11, p. 71-86, 2003.
- WARK, Mckenzie. **Un manifesto hacker**. Barcelona: Alpha Decay, 2006.
- WILKE, Valéria Cristina Lopes. Pós-verdade, fake news e outras drogas: vivendo em tempos de informação tóxica. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 8–27, 2020. <https://doi.org/10.21728/logeion.2020v7n1.p8-27>

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectiva para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda et al. (Org.). **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2019.